

TEXTOS NEPO 9

**ESTUDO DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA
DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL**

**ELZA BERQUÓ
ALÍCIA BERCOVICH
ESTELA MARIA GARCIA**

**NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO - NEPO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
CAMPINAS (SP) BRASIL
SETEMBRO 1986**

**BIBLIOTECA DO NEPO
UNICAMP**

ITOR

ULO RENATO COSTA SOUZA

Ó-REITORIA DE GRADUAÇÃO
tonio Mario Antunes Sette

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
Hélio Waldmann

Ó-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
mardo Beiguelman

PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
Ubiratan D'Ambrósio

Ó-REITORIA DE EXTENSÃO
sé Carlos Valladão de Mattos

DIRETORA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO
Elza Berquó

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL - UNICAMP

B458e Berquó, Elza
Estudo da dinâmica demográfica da população
negra no Brasil / Elza Berquó, Alicia M.
Bercovich, Estela Maria Garcia -- Campinas : NEPO:
UNICAMP, 1986.
(Textos NEPO, 9)

1. População negra - Brasil. 2. Negros - De
mografia. I. Bercovich, Alicia M. II.
Garcia, Estela Maria. III. Título.

19. CDD- 304.860 81
- 304.860 81

Índices para catálogo sistemático:

1. População negra : Brasil 304.860 81
2. Negros : População : Brasil 304.860 81

**ESTUDO DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA
DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL**

**ELZA BERQUÓ
ALÍCIA BERCOVICH
ESTELA MARIA GARCIA**

SUMÁRIO

ESTUDO DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL

1. Introdução	3
2. Composição da população brasileira segundo a cor	7
3. Taxas de crescimento por cor	11
4. Razão de sexos segundo a cor	14
5. Análise por sexo	18
6. Análise da evolução da estrutura por idade e sexo para cada grupo de cor ao longo do tempo	22
6.1 Avaliação geral	22
6.2 Estudo da dimensão urbano-rural	24
6.3 Hipóteses elaboradas a partir da análise das estruturas etárias	26
7. Análises preliminares da qualidade dos dados	28
7.1 Análise das declarações de idade	

individual por cor para 1980	28
7.2 Cor ignorada.	31
7.3 Idade ignorada.	31
7.4 Distribuição da população segundo a cor, por grupos de idade	32
7.5 Enumeração de crianças menores de um ano por cor	35
 8. Análise da evolução dos indicadores correla- cionados com as hipóteses elaboradas	 37
 8.1 Proporção de mulheres em idade fértil por cor	 37
8.2 Comparação entre as estruturas etárias das mulheres	39
8.3 Razões crianças-mulheres	40
 9. Considerações finais	 43

ESTUDO DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL

1. INTRODUÇÃO

A não ser pelos trabalhos de [REDACTED] (1949), (1956), (1962), que se referem aos períodos de 1940 e de 1950, muito pouco se sabe a respeito das características demográficas da população negra no Brasil. Muito embora o item cor fizesse parte da lista de itens que se constituíram nos quesitos que foram investigados nos censos de 1940, 1950 e 1960; a literatura especializada é extremamente pobre no que se refere a estudos sobre a cor. A retirada, por outro lado, desta característica do censos de 1950, e ~~essa~~ ~~essa~~ acabou por determinar um vazio de vinte anos no conhecimento dos diferenciais por cor, da composição da população brasileira, da mortalidade, da fecundidade, da nupcialidade e das migrações.

A subjetividade que envolve este tipo de informação tem determinado, por parte dos órgãos coletores de dados, distintas tentativas para melhor captá-lo. No censo demográfico de 1940, dado que sua preparação se desenvolvia em um período cujo cenário mundial estava marcado por sérias questões racistas, a Comissão Censitária Nacional tentou evitar a introdução de classificações que pudessem por em dúvida esta questão. Assim, se limitou a três classificações "branco", "pretos" e "amarelo", deixando na categoria "pardo" todos aqueles casos que não se incluíam nas três ante-

riores. Já no censo de 1950, pediu-se a todo recenseado a declaração explícita da sua cor, resultando na classificação "branco", "preto", "pardo" e "amarelo".

Como assinala Mortara (1962), "em ambos os censos, foi evitada a especificação dos critérios conforme os quais deviam ser aplicadas as diversas qualificações da cor, deixando-se a discriminação ao uso local, que varia sensivelmente de lugar para lugar e está sujeito, também a se modificar através do tempo. Logo, nem os resultados de cada censo para as diversas Unidades de Federação, nem os resultados dos dois censos de 1940 e de 1950 para cada Unidade, são rigorosamente comparáveis entre si".

Todavia, o mesmo autor, baseado em suas análises sobre a fecundidade e a mortalidade resultantes destes dois censos, segundo a cor, acaba por concluir que "apesar dos limites incertos e variáveis entre os diversos grupos, se revelam diferenças bem marcadas e concordantes com as que a observação direta [individual] da realidade brasileira fazia entrever".

Com base nestes trabalhos de Mortara, verifica-se, em primeiro lugar, que em 1940, a taxa cumulativa de fecundidade foi igual a 332.9 filhos nascidos vivos por 100 mulheres brancas de 15 anos ou mais e igual a 316.1 para as pretas; esta aparente inferioridade na taxa para as mulheres negras, entretanto, era em parte, devida ao fato de ser menor a proporção destas que tiveram filhos (58,3%), quando comparada aos 61,5% das brancas. De fato, as

taxas cumulativas de prolicidade dos dois grupos são muito semelhantes com ligeira vantagem para as pretas, com 542.5 filhos por 100 mulheres prolicas, correspondendo às brancas 541.4.

Já em 1950, as brancas apresentam um declínio de sete pontos percentuais em sua fecundidade quando comparada com 1940, enquanto as pretas passam de 316.1 para 301.9, isto é, com uma queda menor, de quatro pontos percentuais. Reduz-se ainda mais a proporção de pretas que tiveram filhos, agora em torno de 56,7%, enquanto as brancas, praticamente, se mantêm no mesmo nível, ou seja, 60,7%. Com isto, reduzem-se também as taxas cumulativas de prolicidade, mais para as brancas, que passam a 513.0. As pretas apresentam esta taxa quatro pontos percentuais acima das brancas, ou seja, 532.5, o que representa apenas um declínio da ordem de dois pontos percentuais.

Estes simples resultados levam a refletir sobre fatores que estariam afetando a prolicidade da mulher negra. ~~De um lado,~~ ~~elas poderiam ter menos chances de uniões conjugais e daí um~~ ~~menor percentual do total de pretas estariam sujeitas a terem~~ ~~filhos.~~ Um aprofundamento sobre nupcialidade da mulher negra poderia, mesmo que de forma indireta, lançar luz sobre esta questão. Por outro lado, a mais acentuada mortalidade masculina entre os ~~homens negros do que entre os brancos, poderia deixar um maior~~ ~~contingente de viúvas pretas, reduzindo assim o tempo de exposição dentro do período reprodutivo.~~

1950.

As perdas fetais precoces e tardias, certamente jogaram um papel importante naquele período, principalmente no que se refere à população negra. Os abortos espontâneos podem ter tido alta prevalência, devido, principalmente, às precárias condições de saúde a que esteve sujeita esta população. Também os abortos provocados devem ter sido prevalentes naquela época. Finalmente, não se pode descartar que a esterilidade, quer temporária quer permanente, pudesse influenciar a análise em questão, principalmente quando se levar em consideração os altos níveis de tuberculose e gonorréia que marcaram o cenário brasileiro de então.

Estas e outras indagações suscitadas pela análise dos resultados de Mortara estimulam uma tentativa de revisitar aquele período passado, levando uma bagagem de novos conhecimentos técnicos e teórico-metodológicos. Embora nossa proposta seja estudar o período 1960-80 - escolha determinada pela disponibilidade de dados que vão além dos publicados nos volumes dos censos - certamente algumas comparações serão feitas, sempre que possível, com o período anterior, 1940 e 1950.

O fato de 39%, em 1960, e 45% em 1980, da população brasileira ser "preta ou parda" justifica plenamente que se desagregue a população total em "pretos", "pardos" e "brancos" e se procure investigar possíveis diferenças entre estes segmentos populacionais quanto à nupcialidade, fecundidade, mortalidade e migração interna, bem como seus condicionantes.

Esta é uma das linhas de investigação em curso no NEPO nos próximos anos, a cargo das investigadoras Estela Maria Garcia, Alícia M. Bercovich e Elza Berquó.

A presente publicação, primeira de uma série que virá a lume nos próximos meses, trata de caracterizar estes três segmentos populacionais quanto ao crescimento e à estrutura por sexo e idade. Análises preliminares da qualidade das informações fazem parte também deste volume. Finalmente, são levantadas hipóteses quanto à mortalidade, nupcialidade e fecundidade, diferenciais por cor, cuja aceitação ou rejeição fazem parte dos próximos capítulos.

2. COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA SEGUNDO A COR

Ao longo da história da população brasileira, nos últimos quarenta anos, se observa que tem ocorrido uma mudança em sua configuração no que se refere à variável cor.

É importante destacar que a ~~população do Estado~~ ~~par~~ a ~~população~~ que diminuiu seu contingente em termos absolutos entre 1940 e 1950, enquanto que as demais aumentaram sistematicamente suas populações.

TABELA 1 - População absoluta, segundo cor - Brasil - 1940/80

	1940	1950	1960	1980
Branços	26.171.778	32.027.661	42.838.639	64.540.467
Pardos	8.744.365	13.786.742	20.706.431	46.233.531 .
Pretos	6.035.869	5.692.657	6.116.848	7.046.906
Amarelos	242.320	329.082	482.848	672.251
Sem Declaração	41.983	108.255	46.604	517.897
Total	41.236.315	51.944.397	70.191.370	119.011.052

FONTE: Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1980.

De acordo com o observado na Tabela 1 o subgrupo branco foi sempre majoritário com relação aos demais, representando, em 1940, volume três vezes superior aos pardos, segundo maior subgrupo.

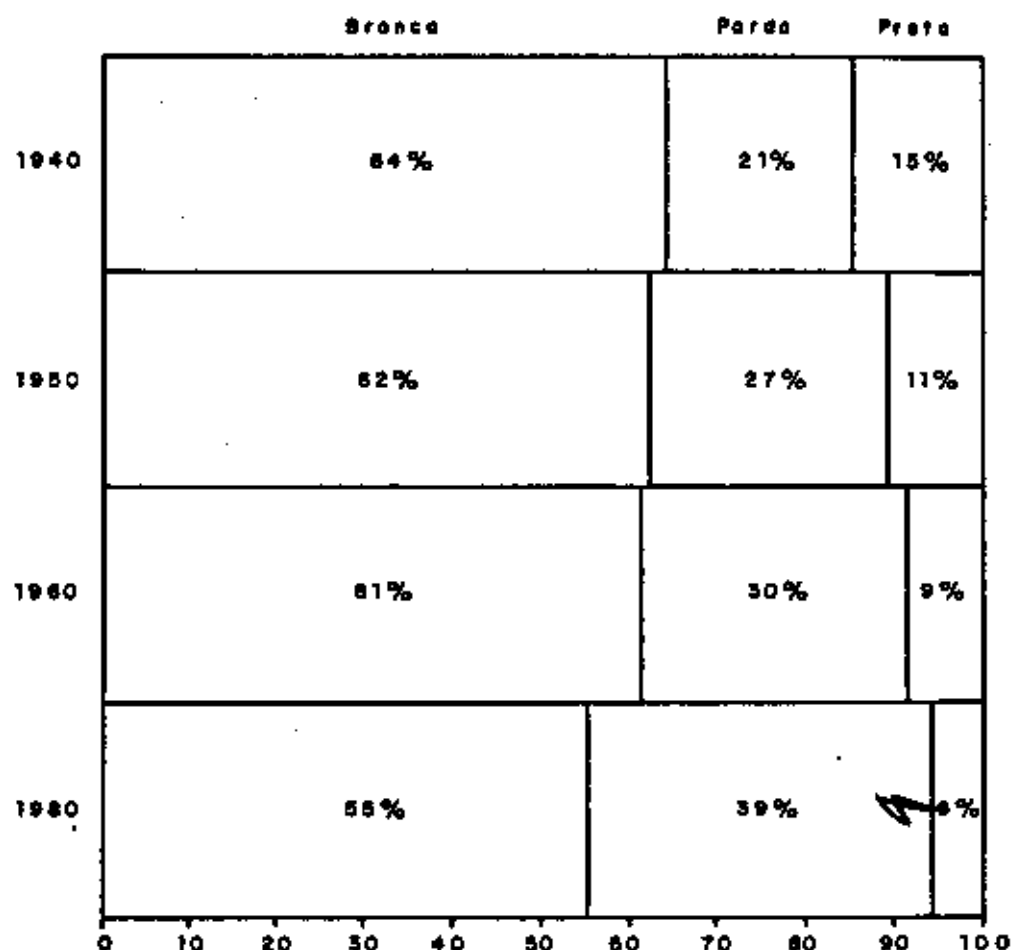
Esta superioridade vai perdendo importância através do tempo a tal ponto que em 1980 com relação aos pardos seu volume chegava a ser apenas 1,4 vezes maior.

Para cumprir os objetivos deste trabalho, os cálculos e análises que se apresentam a seguir se realizaram sem levar em

conta a subpopulação amarela e os sem declaração na variável cor. Com este novo universo da população brasileira estudou-se a participação relativa de cada um dos subgrupos na composição da população total durante o período estudado (Gráfico 1).

BRASIL - 1940 / 1980
PARTICIPAÇÃO RELATIVA SEGUNDO A COR - POPULAÇÃO TOTAL

GRÁFICO 1



Fonte: IBGE - Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1980

No gráfico 1 se destaca a perda relativa, de nove pontos percentuais dos grupos branco e preto durante os 40 anos, em favor dos pardos. Algumas hipóteses poderiam ser formuladas acerca das mudanças constatadas na composição relativa segundo a cor na população brasileira:

a) A primeira delas se refere ao fato de terem sido adotados distintos critérios para a coleta da informação sobre a cor dos indivíduos nos vários censos considerados, o que poderia comprometer a comparabilidade dos dados através do tempo.

Assim pode ter sucedido que parte da população parda tenha sido classificada como branca, principalmente nos primeiros censos, ou que parte da subpopulação preta, da mesma forma, fosse enquadrada na categoria dos pardos.

b) Outro aspecto a tomar em consideração diz respeito ao processo de miscigenação das raças, provocado num primeiro momento por uniões entre os subgrupos branco e preto e que deu origem ao aumento progressivo da população parda.

Infelizmente não se dispõe, até o momento, de estudos que fossem capazes de ponderar o peso de cada um dos dois fatos mencionados. Exames mais aprofundados deverão ser efetuados para elucidar o papel de cada um deles na explicação da composição da população brasileira por cor.

3. TAXAS DE CRESCIMENTO POR COR

Com o objetivo de quantificar o aumento (ou diminuição) da população e subpopulação em estudo, nos anos compreendidos entre 1940 e 1980, calcularam-se as taxas médias de geométricas de crescimento anual (1) das mesmas, as quais são expressas percentualmente.

TABELA 2 - Taxas Anuais Médias de Crescimento (X) - Brasil -

	BRANCA	PARDA	PRETA	TOTAL
1940-50	2.10	4.62	-0.58	2.37
1950-60	2.94	4.09	0.74	3.03
1960-80	2.16	4.05	0.61	2.70

FONTE: Censos Demográficos de 1940, 1950 e 1960 e 1980 - IBGE.

(1) é necessário esclarecer que esta medida é susceptível aos valores absolutos com os quais se está trabalhando. Assim as variações que eventualmente se verifiquem nos valores absolutos pequenos, num determinado período de tempo, afetam com maior peso a taxa encontrada, ao contrário do que ocorreria se estivessemos trabalhando com altos valores absolutos.

Na tabela 2 se destacam os seguintes aspectos:

a) Partindo de valores próximos a 2%, no primeiro decênio, a subpopulação branca aumenta praticamente em 1% sua taxa no segundo decênio para depois diminuí-la nos últimos 20 anos aproximando-se dos níveis dos anos 40.

b) Ao observar o grupo de pretos fica em evidência a perda de crescimento de população sofrida entre 1940-50, fenômeno que se reverte a partir de 1950, quando já se observam valores positivos das taxas, ainda que sempre representando os menores níveis de todas as subpopulações consideradas.

c) De acordo com a tabela 2 é também notório que a subpopulação parda cresceu a um ritmo mais acelerado em relação aos demais, muito embora apresente declínio acentuado a partir do primeiro decênio.

Como mostra o gráfico 2, desde 1940 até 1960 o comportamento da curva que representa as taxas de crescimento é similar para as subpopulações branca e preta, ainda que em níveis distintos.

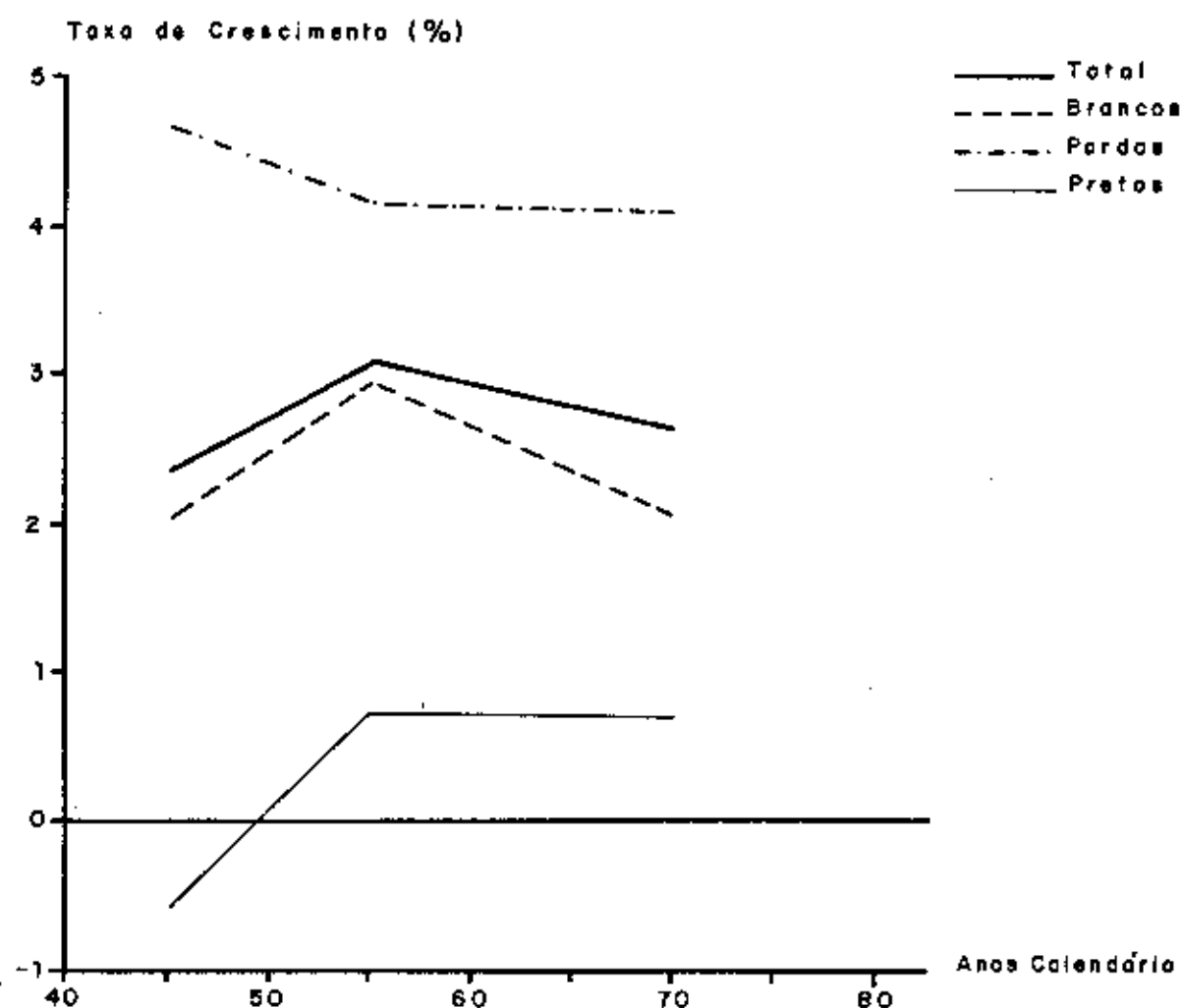
O aumento das taxas poderia ser hipoteticamente explicado pelo começo da diminuição dos altos níveis de mortalidade que estes grupos populacionais vinham experimentando, acompanhado da manutenção do nível de fecundidade ou sua diminuição num ritmo menor que a mortalidade.

BRASIL - 1940 / 1980

TAXAS MÉDIAS ANUAIS DE CRESCIMENTO SEGUNDO A COR

GRÁFICO 2

Total



Fonte: IBGE - Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1980

Fica também evidente a queda brusca no mesmo período, das taxas de pardos. Se considerarmos este subgrupo como uma população fechada (sem o efeito da migração internacional) este comportamento não poderia, a princípio, ser explicado pela queda acentuada da fecundidade, já que no Brasil não se constatou este fenômeno. Isto leva a supor que este fato seja reflexo, em boa parte, da má captação da variável cor.

A partir de 1960 são observadas semelhanças entre os pardos e pretos, os quais praticamente mantiveram suas taxas de crescimento, enquanto que os brancos apresentam maior diminuição, talvez por apresentar maior diminuição relativa da fecundidade.

4. RAZÃO DE SEXOS SEGUNDO A COR - BRASIL 1960/1980

O comportamento teórico em países da América Latina, da razão de sexo deveria ser de valores decrescentes à medida que aumenta a idade, devido a que a mortalidade tende a ser mais elevada para homens que para mulheres com o decorrer dos anos.

Assim, nos primeiros anos de vida a proporção de homens será maior que a de mulheres, esperando valores inferiores a 105, dependendo do que se observa entre os nascimentos de ambos os sexos.

Esta tendência deveria manter-se até ao redor dos 45 ou 50 anos, segundo o nível de mortalidade e na ausência de fenômenos que provoquem alterações (exemplos: guerra, epidemias, etc...).

Na população total do Brasil nos últimos 20 anos, pouco variou a relação entre sexos, observando-se, contudo, diminuição do número de homens para cada 100 mulheres.

O mesmo fenômeno acontece entre os brancos, enquanto que os pretos e os pardos apresentaram comportamento contrário.

De acordo com o Gráfico 3, em 1960 se registrou queda brusca dos valores entre os 10 e 30 anos, fenômeno similar para todas as categorias da variável cor. O nível mais baixo manifesta-se na população preta entre os 25 e 29 anos, 92,6 homens para cada 100 mulheres.

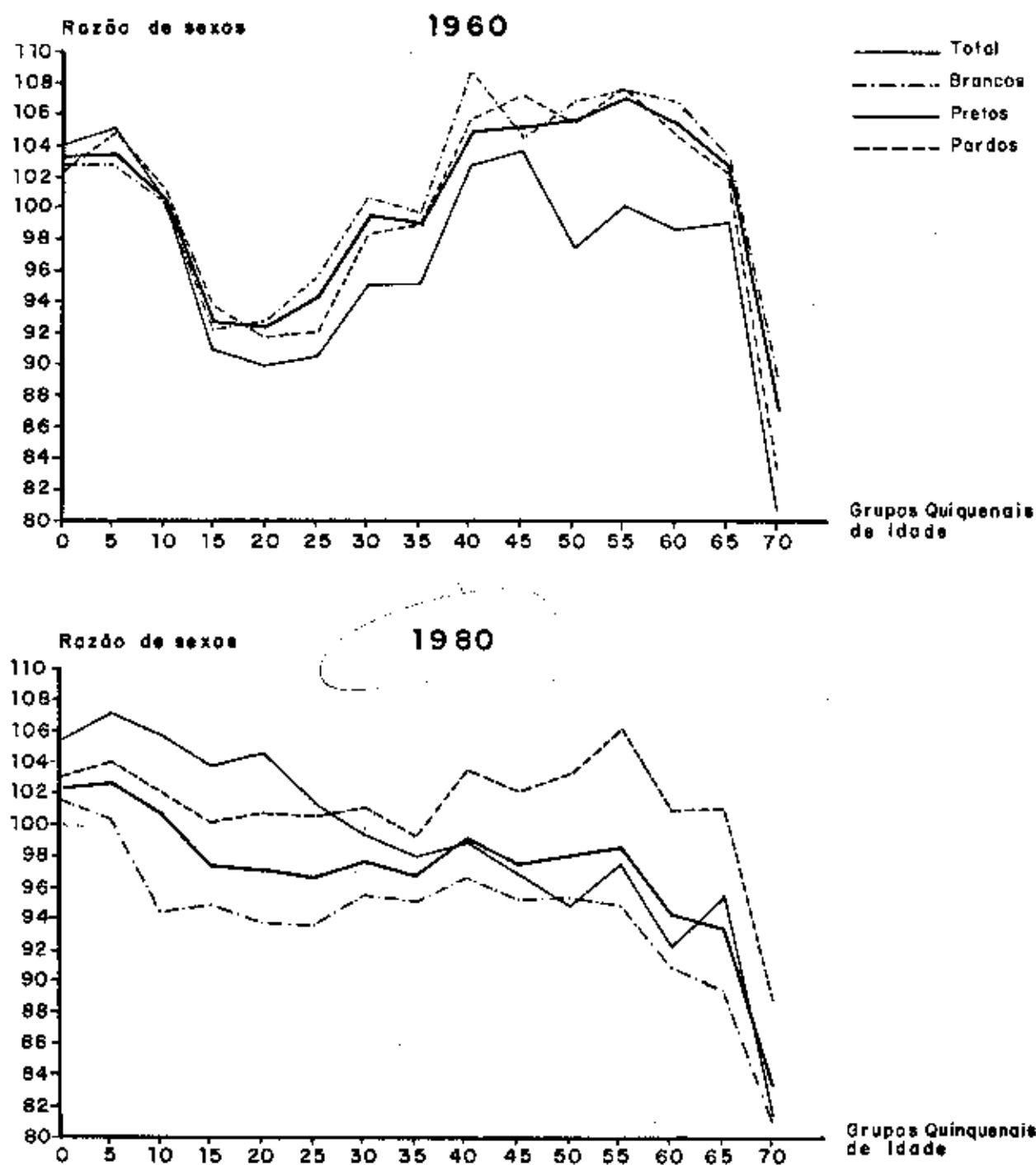
A partir deste intervalo de idade, a relação entre homens e mulheres já supera o valor 100, com oscilações marcantes entre as diferentes subpopulações.

Enquanto que a categoria dos brancos alcança o valor máximo de 109 homens para cada 100 mulheres no intervalo 40 e 44 anos, os demais subgrupos assumem valores parecidos em outros grupos etários próximos ao anterior.

BRASIL - 1960/1980

RAZÃO DE SEXOS SEGUNDO A COR

GRÁFICO 3



Fonte: IBGE - Censos Demográficos de 1960 e 1980

O padrão descrito da curva de 1960 pode ser atribuído, em parte, à omissão - característica nos censos da América Latina - de homens adultos jovens, o que estaria provocando essa depressão na curva da razão de sexos por idade, entre 15 e 35 anos.

Já em 1980 os valores são mais próximos aos esperados teoricamente: não se observam oscilações tão acentuadas como as encontradas em 1960, sendo que as que se evidenciam poderiam ser explicadas, em princípio, tanto pelo traslado de idade como pela omissão diferencial por sexo e faixa etária.

O padrão das curvas se diferencia segundo a cor da população em estudo. Assim, para o total da população brasileira, é indiscutível a superioridade feminina a partir dos 14 anos, enquanto nos brancos esta já se evidencia no grupo quinquenal anterior.

Chama a atenção a distribuição da razão de sexos dos pardos, entre os quais os níveis deste índice são superiores a 100 na maioria das faixas etárias (exceto no grupo 35 a 39 anos).

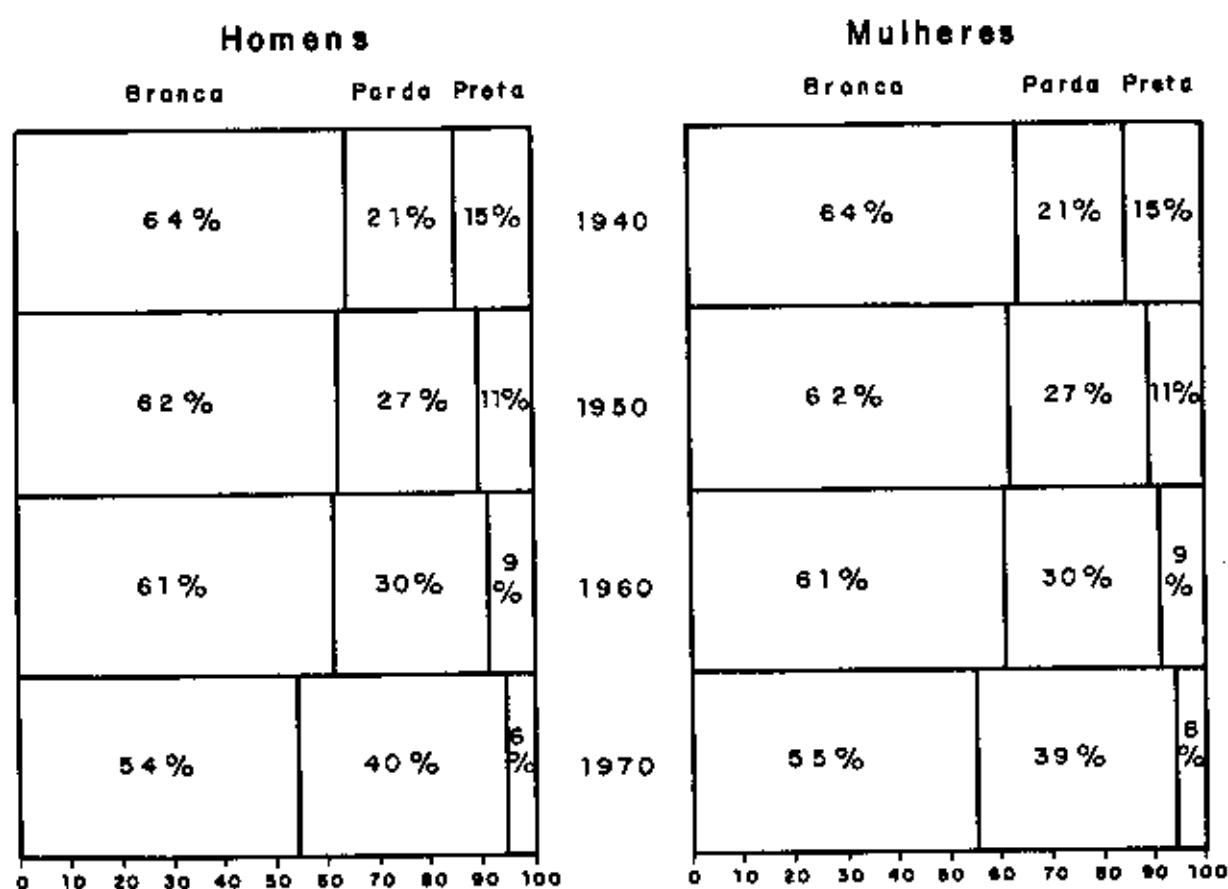
O comportamento desta relação entre os pretos se diferencia, por sua vez, das demais, já que os valores são superiores a 105 nos dois primeiros grupos de idades (o nível mais alto de todas as subpopulações é atingido nos pretos, no grupo 5 a 9 anos, com 107 homens para cada 100 mulheres), mantendo esta superioridade masculina até os 30 anos, para a partir daí reverter a tendência.

5. ANÁLISE POR SEXO

Quando se analisa a distribuição segundo a cor e sexo da população brasileira não se encontram diferenças significativas de comportamento.

BRASIL - 1940/1980
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA SEGUNDO A COR E SEXO

GRÁFICO 4



Fonte: IBGE - Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1980

Isto é mostrado pelo Gráfico 4 onde se visualiza a semelhança das distribuições notando-se uma única diferença em 1980, quando os homens pardos representam 1% mais que as mulheres, as quais por sua vez mostram este ganho no grupo dos brancos.

A mesma análise se efetuou com as taxas anuais de crescimento para ambos os sexos, chegando a conclusões similares às encontradas para o total da população brasileira.

No gráfico 5 se observam distribuições semelhantes nas curvas tanto de homens como para mulheres.

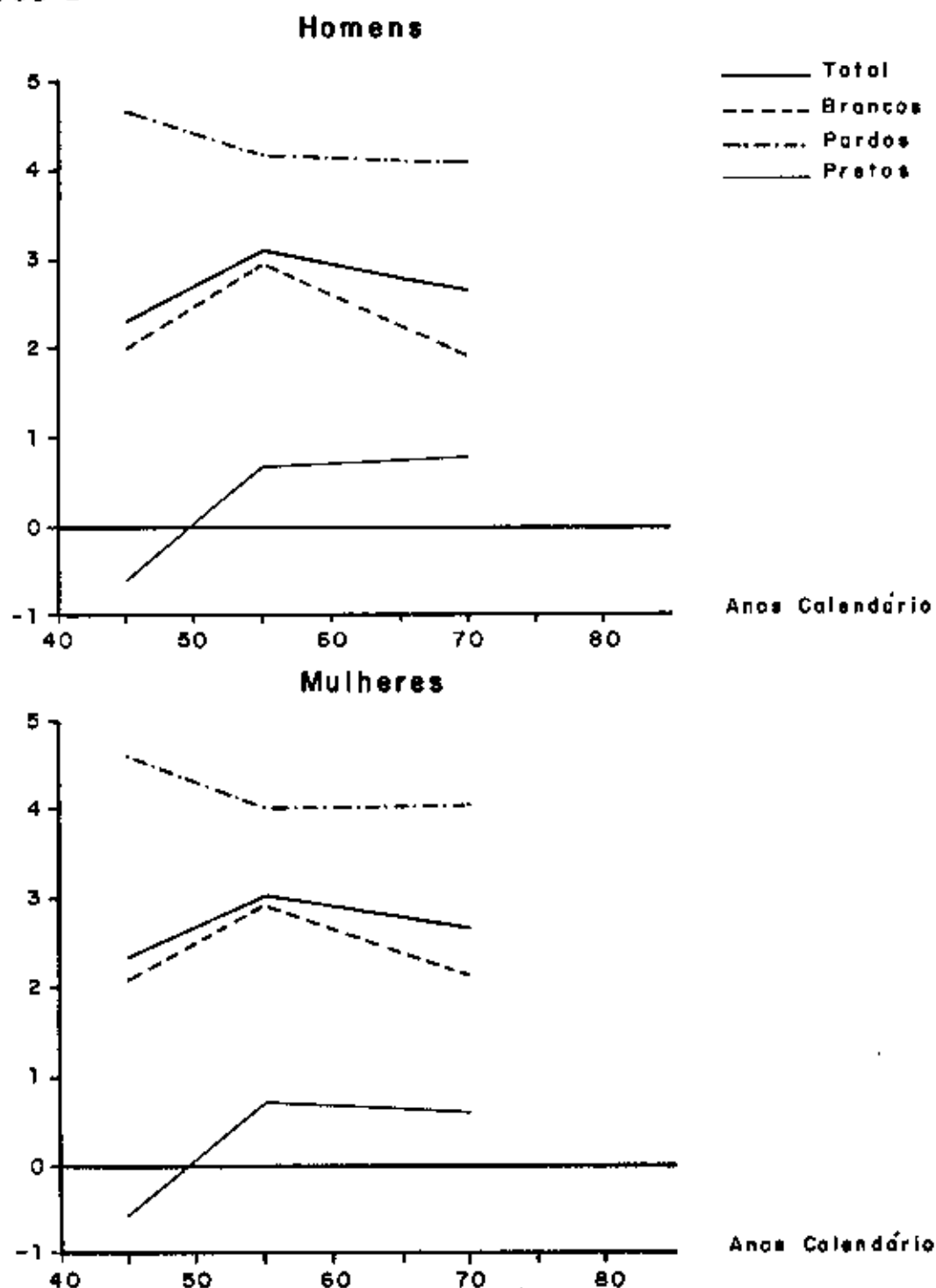
Em ambos os sexos, tanto a subpopulação 'branca' como 'preta', apresentam tendências ascendentes de suas taxas de crescimento até 1960, para depois manter o nível ou diminuí-lo levemente até 1980.

Por outro lado, é diferente o comportamento dos pardos, da mesma forma que para o total da população, em ambos os sexos, adquirem tendências opostas aos brancos e pretos, sendo mais marcante a queda da curva para as mulheres que para os homens.

BRASIL - 1940 / 1980

TAXAS MÉDIAS ANUAIS DE CRESCIMENTO SEGUNDO A COR

GRÁFICO 5



Fonte: IBGE - Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1980

TABELA 3

RAÇÃO DE SEXO SEGUNDO A COR - BRASIL (1960-1980)

FAIXA ETARIA	1960				1980			
	TOTAL	BRANCOS	PRETOS	PARDOS	TOTAL	BRANCOS	PRETOS	PARDOS
0-4	103.299	102.824	104.056	102.352	102.381	101.511	105.552	103.044
5-9	103.634	102.730	105.171	104.855	102.517	100.598	107.292	104.033
10-14	100.803	100.504	100.336	101.397	100.847	94.415	103.897	102.076
15-19	92.736	92.286	90.953	93.755	97.688	94.888	104.721	100.422
20-24	92.277	92.615	89.917	91.901	97.206	93.979	104.710	100.925
25-29	94.250	95.561	90.568	92.129	96.780	93.825	101.407	100.838
30-34	99.502	100.545	95.155	98.205	97.005		99.546	101.380
35-39	99.060	99.552	95.169	98.978	96.927	95.185	98.134	99.462
40-44	105.041	108.930	102.699	105.773	99.462	96.896	99.272	103.595
45-49	105.442	104.721	103.766	107.214	97.839	95.484	97.037	102.112
50-54	105.790	106.955	96.599	105.707	98.112	95.628	95.117	103.390
55-59	107.014	107.592	100.142	107.804	98.890	95.327	97.506	106.300
60-64	105.620	107.020	98.754	104.727	94.383	91.184	92.643	101.002
65-69	103.009	103.641	99.149	102.503	93.865	89.643	95.659	101.183
70 e +	87.063	89.134	80.800	83.689	83.502	81.010	81.211	89.246
TOTAIS	99.794	99.852	97.687	100.045	98.788	96.322	101.596	101.854

 FONTE: Censos Demograficos 1960 e 1980 - IBGE.

OBS: Não se considera idade ignorada, amarela e sem declaração.

6. ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA POR IDADE E SEXO PARA CADA GRUPO DE COR

6.1 Avaliação geral

Observando as pirâmides populacionais por cor para o Censo de 1950, nota-se uma distribuição semelhante entre elas com exceção do clássico estreitamento na base da pirâmide para a população preta. Os grupos de 5-9 e 10-14 anos são menores para a população branca que para a parda. Já a parte superior é levemente mais estreita para o grupo pardo (Gráfico 6)

Na mesma análise para o ano de 1960, a forma das pirâmides para os três grupos de cor também é parecida com a da década anterior (Gráfico 7).

Já para 1980 a estrutura etária é diferente para cada cor: para a população branca os segmentos correspondentes aos grupos de idade de 5 a 9 e 10 a 14 anos apresentam entradas em relação aos grupos de 0 a 4 e 15 a 19 anos. As proporções do grupo feminino de 20 a 34 anos são superiores às das demais cores. A pirâmide da população preta apresenta um alargamento nos grupos de 10 a 14 e de 15 a 19 anos, estreitando-se na base (0 a 9 anos). As diferenças na pirâmide na população parda são consideráveis: a base é mais larga - grupos de 0 a 14 anos - e a parte superior é bem mais estreita, acentuando essa diferença com o aumento da idade

(Gráfico 8). As mesmas análises com os dados da PNAD de 1982 confirmam a configuração observada em 1980 (Gráfico 9).

Superpondo as pirâmides populacionais dos Censos sucessivos para cada cor em separado observa-se:

Para a população branca, as estruturas de 1950 e 1960 são parecidas entre si, tanto na base quanto na parte superior. Já para 1980, a mudança é grande, dada a menor proporção de pessoas entre 5 e 14 anos. A base da pirâmide - grupo de 0 a 4 anos - ainda que alargada, é menor que nos Censos anteriores. A proporção de população de 15 a 34 anos é superior nos Censos de 1980, mantendo-se essa superioridade a partir dos 40 anos (Gráfico 10).

O grupo de cor preta também apresenta estruturas semelhantes para os Censos de 1950 e 1960. As diferenças em 1980 ficam por conta de um estreitamento na base da pirâmide - grupos de 0 a 14 anos (Gráfico 11).

Para os pardos as pirâmides populacionais entre os anos 1950, 1960 e 1980 são muito parecidas, apresentando um ligeiro estreitamento na base para 1980 (Gráfico 12).

6.2 Estudo da dimensão urbano-rural

Sendo os dados para 1980 os que apresentam divergências mais acentuadas na estrutura por cor, aprofundou-se para esse ano a análise a nível urbano-rural.

Superpondo as pirâmides das zonas urbana e rural da população branca observa-se uma acentuação nas zonas urbanas do estreitamento já observado para os grupos de 5 a 14 anos. A proporção de mulheres urbanas brancas de 15 anos e mais é superior à dos homens na mesma situação. Já a pirâmide rural apresenta uma forma tradicional com a base mais larga, estreitando-se para os grupos de idade mais elevada (Gráfico 13). Observar que quase 74% da população branca do Brasil morava em 1980 nas zonas urbanas, de modo que a pirâmide rural representa 26% desta população, é dizer aproximadamente 17 milhões de pessoas.

Analisando as estruturas correspondentes para a população preta observa-se um importante estreitamento na base da pirâmide nas zonas urbanas para o grupo de 0 a 14 anos (Gráfico 14). Na zona rural a pirâmide populacional é mais assimétrica que na zona urbana, sendo menor a proporção de mulheres para todos os grupos de idade. Do total da população declarada preta, aproximadamente 32% morava nas zonas rurais (2,3 milhões de pessoas). Analisando em separado para cada sexo 34% dos homens pretos moravam nas zonas rurais, enquanto só 30% das mulheres pretas estavam nessa situação.

Também para a população parda, a pirâmide das zonas rurais mostra menor proporção de mulheres para todos os grupos de idade. A diferença entre ambas estruturas fica por conta de um estreitamento na base (grupos de 0 a 14 anos) para a zona urbana, contrastando com a base larga, típica das zonas rurais (Gráfico 15). Do total de população parda, 41% morava em 1980 na zona rural, ou seja aproximadamente 19 milhões de pessoas. Separando por sexo, observa-se a mesma tendência que para os outros grupos de cor: 42,2% dos homens pardos e somente 40,0% das mulheres pardas moravam nas zonas rurais.

Comparando a estrutura etária por cor para as zonas urbanas (Gráfico 16) observa-se que o estreitamento da pirâmide para os grupos de 5 a 14 anos na população branca, transforma-se para os pretos em estreitamento nos grupos de 0 a 9 anos, e nos pardos somente para o grupo de 5 a 9 anos. As três pirâmides, porém, apresentam um estreitamento global entre 0 e 14 anos, diferenciando-se das correspondentes para as zonas rurais.

Estudando as estruturas para a zona rural, observam-se formas mais semelhantes às tradicionais para países em desenvolvimento, porém a base mais larga fica por conta da população parda, uma pequena diferença para menos na população branca, e uma base decididamente menor para a população preta, fato constante em todos os estudos realizados (Gráfico 17).

Com o intuito de avaliar a influência da distribuição por idade e cor entre as zonas urbanas e rurais na forma das respectivas pirâmides, graficou-se a proporção de população urbana para cada cor e grupo de idade (Gráfico 18). Observa-se para as três cores um padrão etário muito semelhante: aumento da proporção urbana nos grupos de 15 a 35 anos, e diminuição posterior. Já o nível é diferente: a população branca, seguida pela preta, tem maior proporção de pessoas morando nas zonas urbanas que os declarados pardos. Dado o padrão semelhante, não poderia ser esta a causa das diversas formas das pirâmides etárias por situação.

6.3 Hipóteses elaboradas a partir da análise das estruturas etárias

As estruturas observadas nos parágrafos 1 e 2 para as diferentes cores, anos e situações, são coerentes com o pressuposto de uma queda mais precoce e intensa da mortalidade e fecundidade na população branca, que na preta ou parda. A forma da pirâmide da população branca para o Brasil, é parecida com as estruturas etárias da Unidades da Federação mais desenvolvidas economicamente, resultantes dos efeitos combinados da queda da mortalidade na década de 50 e a intensificação do declínio da fecundidade iniciada na década seguinte, segundo a hipótese de Bercovich e Vellôzo (1985). Como a população branca pertence em geral aos grupos mais favorecidos, é normal que a queda da mortalidade tenha-se acentuado na década de 50, ou talvez um pouco antes, com a difusão do uso

de antibióticos: já a queda da fecundidade pode ter começado antes para a população branca que para o resto, aparentemente na década de 60. O estreitamento da pirâmide populacional para os grupos de 5 a 14 anos na população branca, corresponde a crianças nascidas entre 1965 e 1975, época de maior intensidade na queda da fecundidade. O alargamento na base, corresponde à maior natalidade derivada da maior proporção de mulheres em idade fértil, mesmo com a fecundidade ainda em declínio.

A forma das pirâmides superpostas por cor para os anos de 1950, 1960 e 1980 (Gráficos 6 à 8), é coerente com a hipótese de que, nos anos 50, 60 e 80 a mortalidade dos grupos pretos e pardos era superior à dos brancos, acentuando-se a diferença gradativamente em 1960 e 1980 (isto mostrado por inúmeros estudos, em particular os de Mortara 1970), refletido no estreitamento da parte superior da pirâmide etária para estes grupos.

A observação da base das pirâmides, supondo desprezível o diferencial por idade no erro de declaração da cor para as idades jovens, leva à hipótese de menor fecundidade do grupo preto, seguido pelo branco e pardo, para os anos de observação de 1950, 1960 e 1980. Como já foi assinalado por Mortara (1956), esta menor fecundidade das mulheres pretas, responderia fundamentalmente à menor proporção de mulheres férteis e não a sua prolificidade.

Da observação das estruturas etárias para 1980, pode-se supor que talvez o único ano censitário para o qual a base da pi-

râmide da população preta seria maior que a da branca, fosse o de 1970, ano para o qual, infelizmente, não se dispõe de dados separados por cor (o grupo de 10 a 14 anos em 1980 tem participação maior para o grupo preto).

Um aprofundamento da observação das estruturas por cor para 1980, mostra serem estas coerentes com uma queda da fecundidade retardada em aproximadamente 5 anos para os grupos preto e pardo. A intensidade da queda seria muito menor para este último grupo, considerando o patamar mais alto de sua fecundidade. Separando as zonas urbanas das rurais, as estruturas etárias por cor para as primeiras são consistentes com uma queda mais pronunciada da fecundidade em todos os grupos, mantendo-se a defasagem de aproximadamente 5 anos de pretos e pardos dos brancos, já observada anteriormente (Gráfico 16). A distribuição da população rural por cor é compatível com a hipótese de uma queda menos intensa da fecundidade da população branca, a partir talvez dos anos 70. Na população parda não se podem inferir variações da fecundidade a partir da distribuição etária.

7. ANÁLISES PRELIMINARES DA QUALIDADE DOS DADOS

7.1 Análise das declarações de idade individual por cor para 1980

Considerando a importância que tem a qualidade das declarações de idade por cor na dedução de hipóteses de comportamento de outras variáveis demográficas a partir da estrutura por idade e sexo, ensaiou-se uma avaliação da qualidade das declarações de idades individuais por cor, já que os métodos disponíveis para avaliar a estrutura por grupos quinquenais de idade, medem, geralmente, o afastamento da forma de uma pirâmide clássica, forma que consideramos não se ajusta ao padrão brasileiro (Bercovich e Velho 1985).

Confiamos portanto numa correlação entre a qualidade das declarações por idade individual e as correspondentes aos grupos quinquenais de idade.

Nas pirâmides de 1980 por anos individuais de idade para cada cor (Gráficos 19 a 21) observa-se uma maior atração pela declaração de idades finalizadas em dígitos atrativos para a população preta que para a parda ou branca. Calcularam-se os valores do índice de Myers para tentar mensurar essa atração. Os resultados obtidos foram, para homens e mulheres nessa ordem:

População branca: 1,05 e 1,19

População preta: 3,01 e 3,43

População parda: 2,60 e 2,70

Considerando que para os anos de 1960 e 1970 os índices respectivos para a população total foram 8,73 e 5,12, e que o índice de Myers pretende medir aproximadamente o percentual de registros que estariam afetados por esse tipo de erro, nenhum dos valores achados para cada cor e sexo pode ser considerado elevado, porém as declarações da população preta apresentam maior desvio, seguidas das da população parda, como era de se esperar. Por outra parte, as declarações das mulheres são de qualidade inferior que às dos homens, para todas as cores. Os dígitos atrativos são os tradicionais 0 e 5, alternando-se para homens e mulheres uma ligeira preferência pelas idades finalizadas em 2 ou 8 respectivamente.

Na pirâmide da população preta a atração por dígitos terminais acentua-se com a idade, sendo importante nos 40 e 50 anos. O mesmo acontece, com menor intensidade, para a população parda.

Confirma-se, na distribuição por idade individual da população branca, a menor proporção de pessoas entre 5 e 14 anos, já observada na estrutura quinquenal, validando as estimativas de períodos feitas nos parágrafos anteriores.

7.2 Cor ignorada

O percentual de população sem declaração de cor era de 0,10% no Censo de 1940, oscilando entre 0,25% e 0,06% nas diversas regiões. Em 1950 esse percentual era de 0,21% com oscilações desprezíveis a nível das regiões.

Para 1960, esse percentual era de 0,06%, passando em 1980 para 0,44%. No primeiro caso os valores dos percentuais de declarações ignoradas oscilam entre 0,35% e 0,01%, segundo as Unidades da Federação. Já para 1980 o máximo valor era de 1,34% e o mínimo 0,23%. Existe um único valor que supera 1% é o de Rondônia, e, mesmo com percentuais de declarações de cor ignorada superiores às dos outros Censos, a distribuição pelos estados parece mais realista, e os volumes são sempre - com exceção desse caso - inferiores a 1%, pelo que consideramos que não afeta grandemente as declarações de cor.

7.3 Idade ignorada

O percentual de declarações de idade ignorada em cada grupo de cor era de aproximadamente 0,08% para os grupos de cor branca, preta e parda no Censo de 1940. Em 1950, os valores foram de 0,17% para a população branca, 0,27% para a preta e 0,28% para a parda. Em 1960 os valores respectivos foram de 0,12%, 0,12% e 0,11%. Os valores análogos para 1980 foram de 0,08%, 0,13% e

0,10%. Aparentemente as declarações de cor por idade não poderiam ser afetadas em nenhum dos censos por esses valores tão baixos.

7.4 Distribuição da população segundo a cor, por grupos de idade

Analisaram-se as participações dos diversos grupos de cor na população brasileira ao longo dos censos, observando-se os seguintes valores:

TABELA 4 - Composição da População por Cor

C O R	C E N S O S					
	1872	1890	1940	1950	1960	1980
Branca	37,5	44,0	63,5	61,7	61,0	54,2
Preta	19,3	14,6	14,6	11,0	8,7	5,9
Parda	41,4	41,4	21,2	26,5	29,5	38,9
Preta + Parda	60,7	56,0	35,8	37,5	38,2	44,8

FONTE: Censos Demográficos de 1872, 1890, 1940, 1950, 1960, 1980
Resultados Definitivos.

A participação da população branca aumenta até 1940 começando a diminuir a partir desse ano. Ainda que as diferenças de critério na classificação da cor influam na determinação das proporções, especialmente nos censos mais antigos, é também inegável a influência da imigração branca entre 1872 e 1940 no crescimento deste grupo até 1940, enquanto o saldo migratório de pretos e pardos no período foi desprezível. Segundo Mortara (1950), também o crescimento vegetativo diferencial por cor teve influência no aumento da participação da população branca até 1940.

Já a diminuição progressiva a partir desse ano estaria explicada pela miscigenação gradativa e um crescimento vegetativo diferenciado a partir da metade deste século. As diferenças observadas nos critérios para a classificação da cor ao longo dos recenseamentos fazem com que tenhamos em alguns casos, pela avaliação da participação dos grupos preto e pardo conjuntamente (chamado 'negro' por diversos autores (Oliveira, et alii, 1985).

Analisando a distribuição por cor em cada grupo de idade para os últimos recenseamentos observa-se um aprofundamento de certas tendências ao longo do tempo. Com efeito, para 1950, as proporções de brancos por grupo de idade diminuía para os grupos de 5 a 9 e 10 a 14 anos e depois aumentavam gradativamente até as últimas faixas de idade. As proporções de pardos variavam em relação inversa: aumentavam levemente para os grupos mencionados, e a partir de 15 anos diminuía gradativamente. Já a proporção de pretos permanecia quase constante aumentando quase imperceptivelmente com a elevação da idade (Gráfico 22).

Para 1960 as diferenças por grupo de idade aprofundam-se: as proporções de brancos e pardos aproximam-se entre si para os grupos entre 5 e 19 anos, afastando-se com o aumento da proporção de brancos e diminuição correspondente dos pardos a partir dos 20 anos. Já a população preta se mantém num patamar quase constante (Gráfico 23).

Para 1980 a distribuição das proporções por idade aprofunda a tendência observada nos anos anteriores: as proporções dos grupos brancos e pardos aproximam-se para as idades de 5 a 14 anos (49% e 44% respectivamente) para afastar-se novamente com o aumento da idade (Gráfico 24). Existe uma mudança na tendência para o grupo de 40 a 44 anos, explicada talvez pela maior atração dos pardos para a declaração da idade de 40 anos, fenômeno já observado no item 4, alterando a distribuição relativa entre brancos e pardos para esse grupo etário. A população preta tem o mesmo comportamento que em anos anteriores: fica quase constante, aumentando levemente com a idade. Os valores deduzidos dos dados da PNAD de 1982 são semelhantes aos de 1980 (Gráfico 25).

As diferenças por sexo são pequenas para todos os anos estudados: observa-se, em geral, uma maior proporção de mulheres brancas que de homens brancos nos mesmos grupos de idade.

A distribuição semelhante das proporções por cor para cada grupo de idade para homens e mulheres mostra a consistência

interna desta informação. A particularidade no grupo de 0 a 4 anos estaria explicada pela preferência aparente de declarar como branca a cor das crianças pequenas, dado validado por uma análise descrita posteriormente neste relatório. O crescimento com a idade da participação dos grupos brancos a partir dos 15 anos poderia ser explicada pela combinação de uma miscigenação gradativa e menor mortalidade diferencial destes grupos. A explicação simétrica vale para o grupo pardo: maior mortalidade e miscigenação progressiva. O grupo preto teria participação menor nas idades mais moças também como consequência desta mistura.

7.5 Enumeração de crianças menores de um ano por cor

Visando avaliar possíveis erros na declaração de cor das crianças menores de um ano, ou na assignação da cor das mães aos filhos respectivos, bem como a consistência interna das declarações de fecundidade por cor, relacionaram-se as informações de filhos nascidos vivos no último ano declarados pelas mulheres com as resultantes da enumeração de menores de um ano por cor. Os resultados obtidos constam na tabela 5.

TABELA 5 - Relação entre o número de mulheres com filhos nascidos no último ano e o número de crianças menores de um ano por cor

C o r	Mulheres com filhos nasc. último ano	Menores de 1 ano	Diferenças	
			Absoluta	Relativa (%)
Branca	1.783.948	1.935.783	151.835	8,51
Preta	219.969	157.155	-62.814	-28,56
Parda	1.530.317	1.443.540	-86.777	-5,67
Amarela	13.410	11.302	-2.108	-15,72
Ignorada	12.507	17.788	5.281	42,22
Total	3.560.151	3.565.568	5.417	0,15

FONTE. IBGE Tabulações especiais do Censo Demográfico 1980.

Estes resultados mostram que existe uma clara preferência pela declaração das crianças menores de um ano como de cor branca: com efeito, aproximadamente 152.000 crianças menores de um ano de cor declarada branca seriam filhas de mãe de outra cor. O contrário acontece para as crianças de cor preta e parda: existem pelo menos aproximadamente 63.000 e 87.000 crianças cuja mãe tem cor parda ou preta e elas não a têm. É bem provável que parte das

crianças de mãe preta sejam pardas ou brancas, e as de mãe parda sejam brancas, porém não na proporção da tabela. Como exercício tentaram-se avaliar as alterações que se produziriam na base da pirâmide da população branca se o número de crianças menores de um ano fosse igual ao das mães brancas. As alterações na base da pirâmide não foram importantes ao ponto de mudar a estrutura observada. Já o mesmo exercício para a população preta, mostrava importantes alterações na pirâmide populacional.

Certa sub-enumeração nas declarações de fecundidade parece evidente já que o número de mulheres que declararam filhos nascidos no último ano é inferior que o número de crianças levantado pelo Censo, sem contar a mortalidade infantil que afetaria os nascidos no último ano.

8. ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DE INDICADORES CORRELACIONADOS COM AS HIPÓTESES ELABORADAS

8.1 Proporção de mulheres em idade fértil por cor

Analisaram-se as proporções de mulheres em idade fértil para cada cor com o intuito de estudar as possíveis relações entre as particularidades observadas nas estruturas etárias e estas proporções, como Bercovich e Vellôzo (1985) apontaram para os dados gerais. Os resultados obtidos figuram na tabela 6.

TABELA 6 - Proporção de mulheres em idade fértil, por cor

Cor e Ano	Proporção de mulheres de 15 a 49 anos	Crescimento relativo (%)	Proporção de mulheres de 20 a 24 anos	Crescimento relativo (%)
Branca				
1950	24,81		12,51	
		-2,70		-5,20
1960	24,14		11,86	
		8,78		9,44
1980	26,26		12,98	
Preta				
1950	25,68		12,68	
		-2,18		-4,42
1960	25,12		12,12	
		0,40		-2,31
1980	25,02		11,84	
Parda				
1950	24,15		12,13	
		-3,73		-7,58
1960	23,25		11,21	
		0,52		-0,36
1980	23,37		11,17	
Total				
1950	24,63		12,19	
		-2,92		-4,35
1960	23,91		11,66	
		4,90		4,72
1980	25,08		12,21	

FONTE: IBGE - Censos Demográficos de 1950, 1960 e 1980.

A proporção de mulheres em idade fértil aumentou consideravelmente entre os Censos de 1960 e 1980 para a população branca (8,8%), contra decréscimo no período anterior. Para as populações preta e parda observou-se decréscimo (-0,4%) ou incremento mínimo (0,5%) dessas proporções na mesma época. O mesmo acontece com a proporção de mulheres de 20 a 34 anos que possuem as taxas específicas de fecundidade mais altas: sua proporção aumenta em 9,4% para a população branca, diminuindo em 2,3% e 0,4% para as pretas e pardas.

Resumindo: a proporção de mulheres brancas era de 26,3% em 1980, contra 24,2% e 24,8% nos censos anteriores. A mesma proporção para as mulheres pardas era de 23,4% em 1980. Esta observação é compatível com o aumento da natalidade para o grupo branco, mesmo com baixa fecundidade, explicando o alargamento na base da pirâmide.

8.2 Comparação entre as estruturas etárias das mulheres

Analisaram-se as estruturas etárias das mulheres para as distintas cores. Para 1950 os gráficos 26 e 27 mostram que a grande diferença está por conta da estrutura das mulheres pardas, com uma base alargada. As mulheres brancas e mais as pretas, apresentavam um ligeiro estreitamento na base. Em 1960 as estruturas brancas e pardas assemelhavam-se mais (Gráfico 28), continuando o estreitamento na base para o grupo preto (Gráfico 29). Em 1980 as

estruturas são diferentes: o grupo de 10 a 14 anos é importante para as mulheres pardas, enquanto é muito menos numeroso proporcionalmente para as brancas (Gráfico 30). A proporção de mulheres de 20 anos e mais é maior para as brancas que para as pardas em todos os grupos de idades. Comparando a estrutura das brancas com as pretas (Gráfico 31), observa-se que o ponto de maior estreitamento na pirâmide das mulheres brancas - grupo de 10 a 14 anos - é o de máximo valor na pirâmide das mulheres pretas, estreitando-se para os grupos de 5 a 9 e 0 a 4 anos. Estas observações são totalmente consistentes com o observado nos parágrafos anteriores.

8.3 Razões crianças-mulheres

Analisaram-se as razões entre o número de crianças de 0 a 4 anos e o de mulheres de 15 a 49 anos por cor. Calculou-se a mesma relação com os dados deslocados em um quinquênio - crianças de 5 a 9 anos e mulheres de 20 a 54 anos - para tentar contornar distorções provocadas por problemas de declaração nos primeiros grupos de idade. Comparam-se estes conjuntos de dados com o intuito de localizar os períodos de começo e intensificação da queda da fecundidade para cada cor. As conclusões serão tentativas, já que a validade desses estimadores está limitada por problemas inerentes à qualidade dos dados e às mudanças de variáveis demográficas correlacionadas.

Na tabela 7 apresentam-se os resultados obtidos:

TABELA 7 - Razões Crianças - Mulheres

Cor e Ano	Razão P(0-4)/ Pf(15-49) (1)	Crescimento Relativo (%) (2)	Razão P(5-9)/ Pf(20-54) (3)	Crescimento Relativo (%) (4)
Branca				
1950	0.653		0.630	
1960	0.653	0.0	0.684	8.6
1980	0.499	-23.6	0.500	-26.9
Preta				
1950	0.555		0.607	
1960	0.570	2.7	0.646	6.4
1980	0.468	-17.9	0.555	-14.1
Parda				
1950	0.692		0.736	
1960	0.726	4.9	0.819	11.3
1980	0.648	-10.7	0.748	-8.7
Anarela				
1950	0.796		0.864	
1960	0.492	-38.2	0.689	-20.3
1980	0.302	-38.6	0.340	-50.7
Total				
1950	0.653		0.655	
1960	0.667	2.1	0.720	9.9
1980	0.550	-17.5	0.590	-18.1

FONTE: IBGE - Censos Demográficos de 1950, 1960 e 1980.

Os valores das razões da coluna (1) quase não se alteram entre 1950 e 1960 para as populações em estudo. Quando se analisam os valores das razões deslocadas em um quinquênio para o mesmo período - coluna (3) - existe um crescimento desta em 8,6% para a população branca, 6,4% para a preta e 11,3% para a parda - coluna (4) . Esses dados são compatíveis com a intensificação da queda da mortalidade no período 1945 - 1950, fato coerente com a data de início da difusão massiva dos antibióticos no Brasil.

Já entre 1960 e 1980, a queda das razões é violenta, sendo mais intensa para o grupo branco, que para o preto ou pardo (-23,6%, -17,9% e -10,7% respectivamente). Essa diferença na intensidade da queda, aprofunda-se para as razões deslocadas em um quinquênio para o grupo branco (-26,9%). Este fato é indicativo de que a queda da fecundidade da população branca acelerou-se na década de 60, mais cedo e com maior intensidade que para os pardos ou pretos.

A comparação de ambos indicadores para um mesmo ano mostra para 1980 que se bem exista pouca diferença para os brancos (0,2%), esta é maior para as populações preta e parda, (18,6% e 15,4%). Se acreditarmos numa qualidade semelhante dessas informações, poderia concluir-se que a fecundidade da população branca teria começado a estabilizar-se no fim da década de 70, enquanto a das populações preta e parda continuou a cair. Os dados correspondentes à população amarela, são compatíveis com uma violenta queda da fecundidade desde os anos 50.

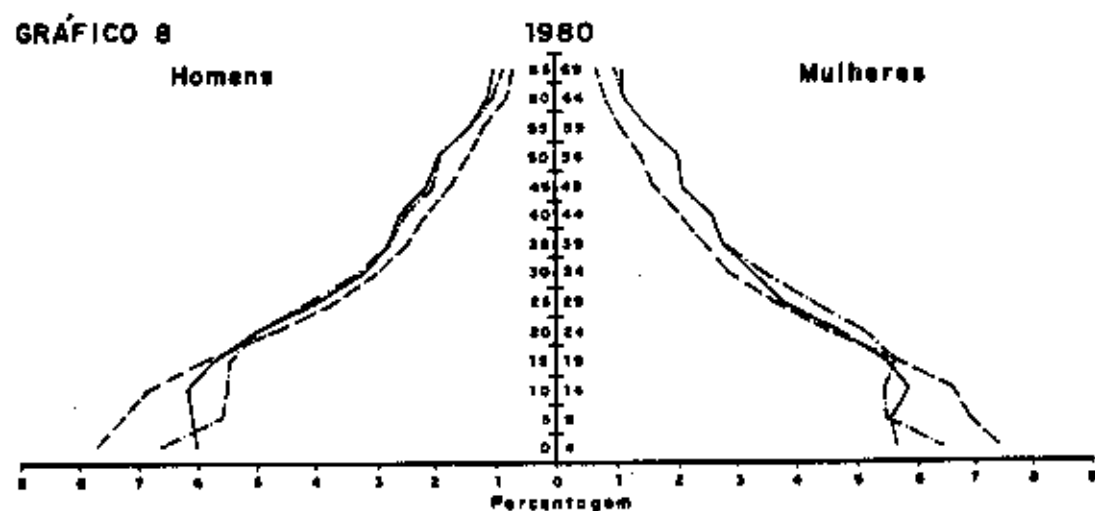
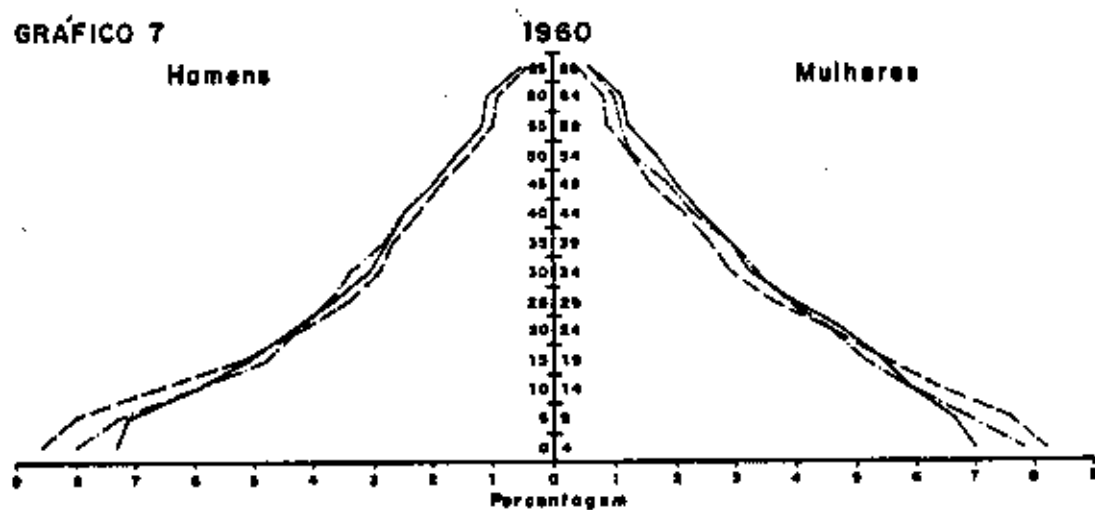
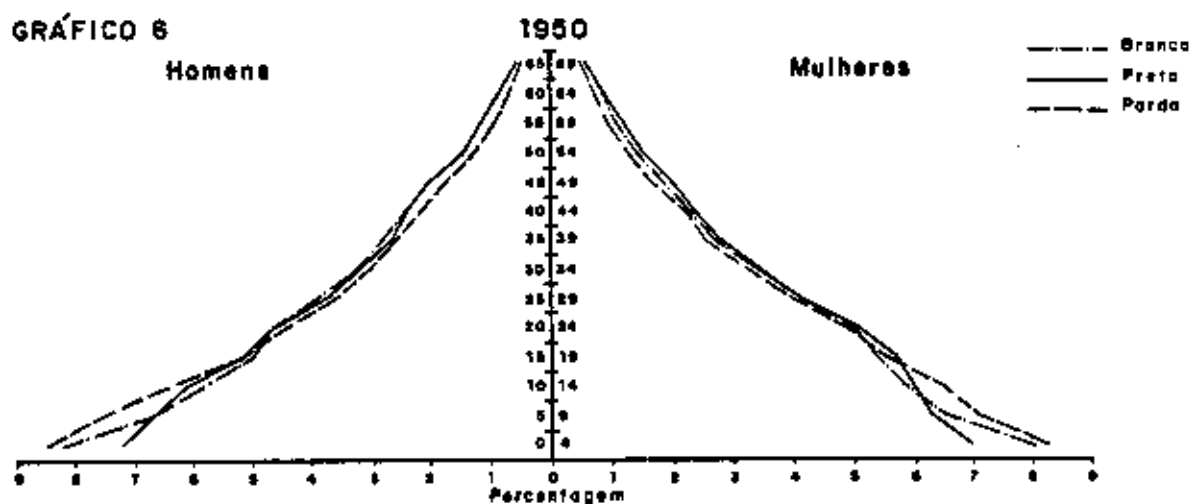
O fato de não se dispor de dados por côr para o ano de 1970, dificulta uma identificação mais precisa dos períodos, e a descoberta de possíveis erros não sistemáticos nas declarações.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

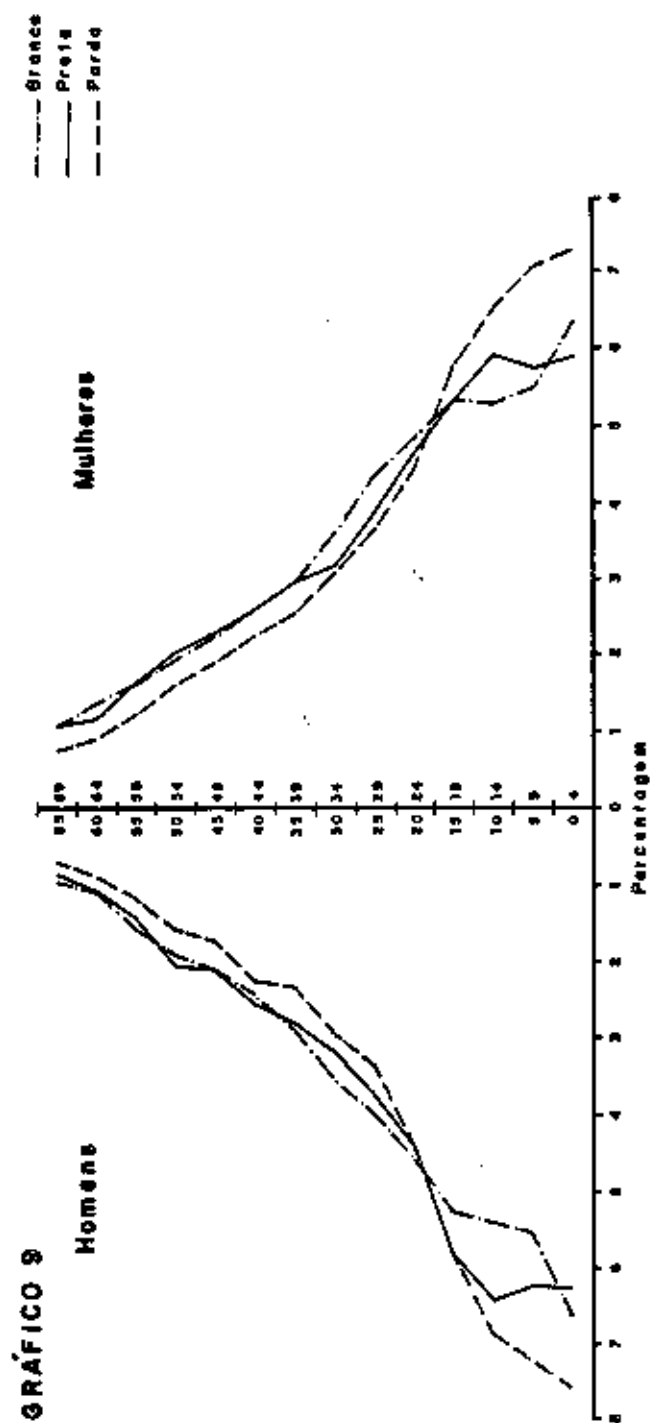
Como se pode depreender da leitura feita até aqui, trata-se ainda de um estudo unicamente descritivo. Para a aceitação ou não de algumaas das hipóteses formuladas, faz-se necessário um estudo mais aprofundado da nupcialidade, mortalidade e fecundidade. Esta preocupação faz parte obrigatória dos estudos em andamento pelos autores.

Outro ponto que completará a descrição já feita bem como a interpretação final dos resultados é a consideração de todos estes itens, por Unidade da Federação. Também este enfoque está contemplado na pesquisa em andamento.

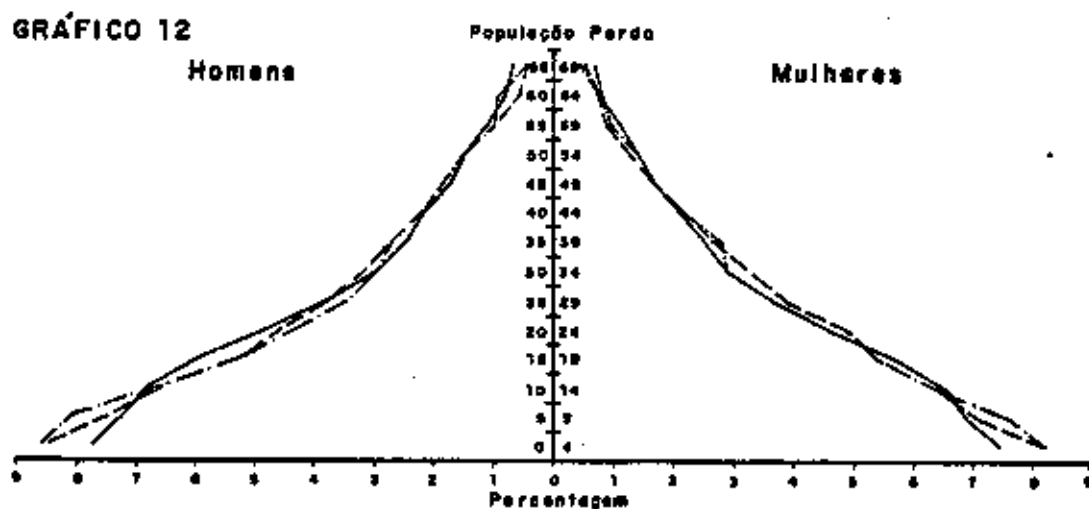
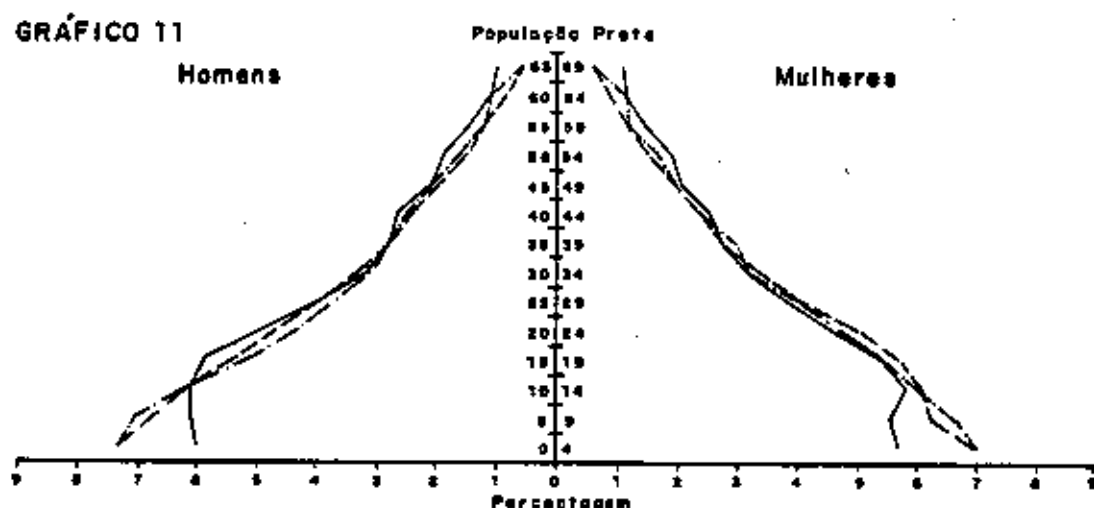
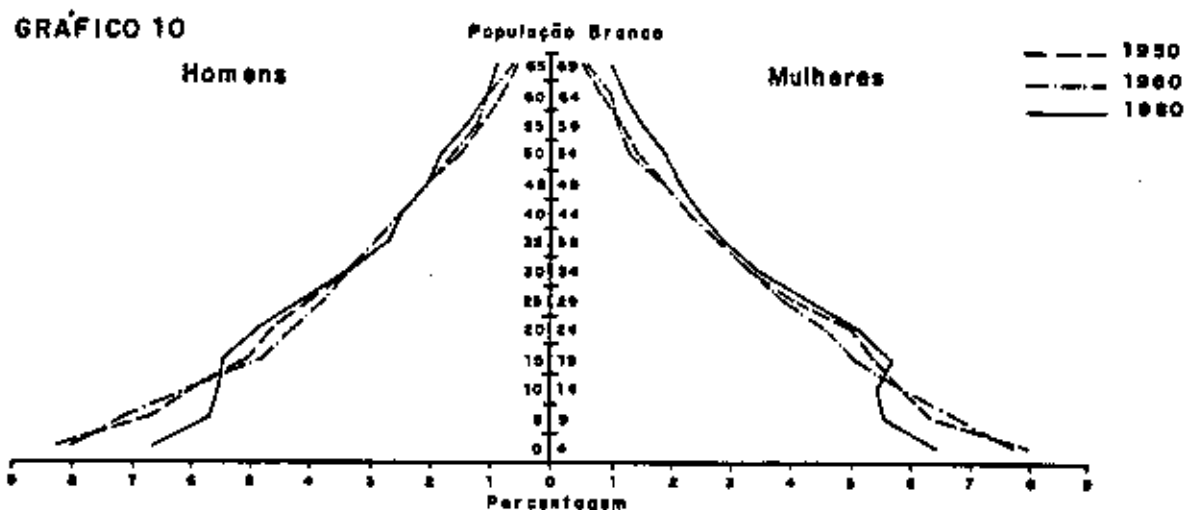
BRASIL
SUPERPOSIÇÃO DAS PIRÂMIDES POPULACIONAIS SEGUNDO A COR



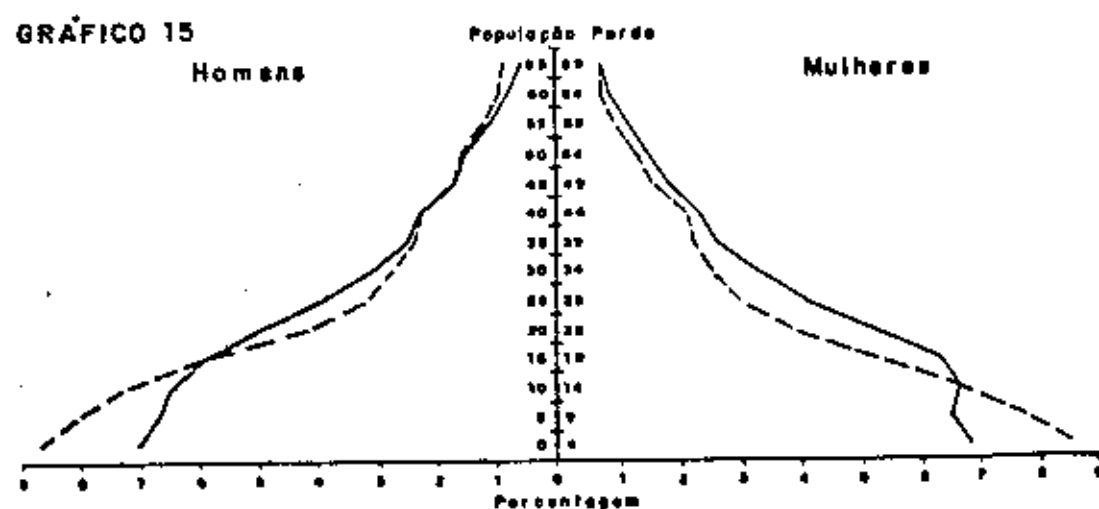
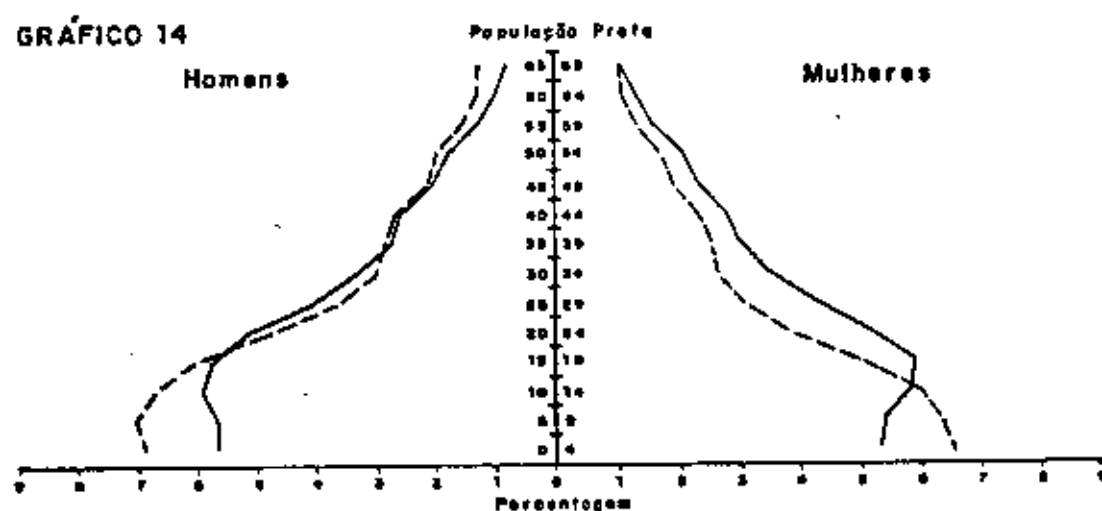
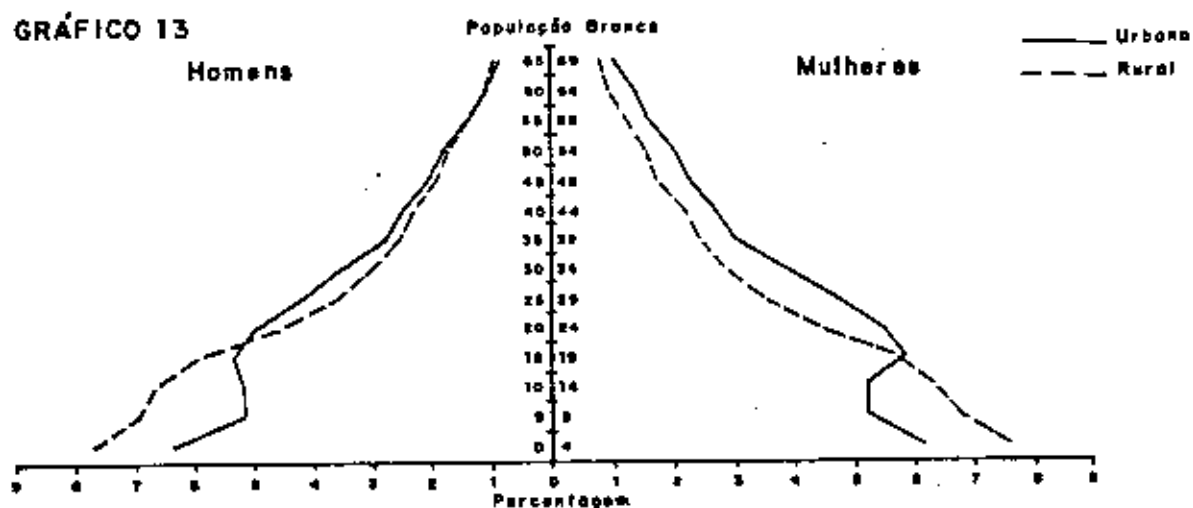
BRASIL - 1962
DISTRIBUIÇÃO DAS PIRÂMIDES POPULACIONAIS SEGUNDO A COR



BRASIL
SUPERPOSIÇÃO DAS PIRÂMIDES POPULACIONAIS SEGUNDO A COR



BRASIL - 1980
ESTRUTURA POR IDADE E SEXO DA POPULAÇÃO NAS ZONAS URBANA E RURAL



BRASIL - 1980
ESTRUTURA POR IDADE E SEXO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL SEGUNDO A COR

GRÁFICO 16

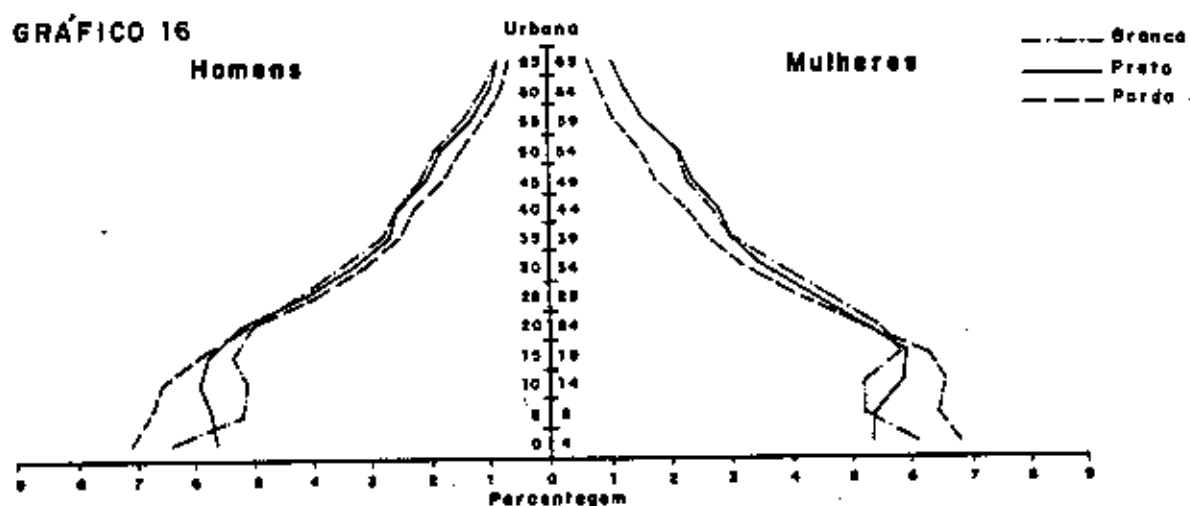
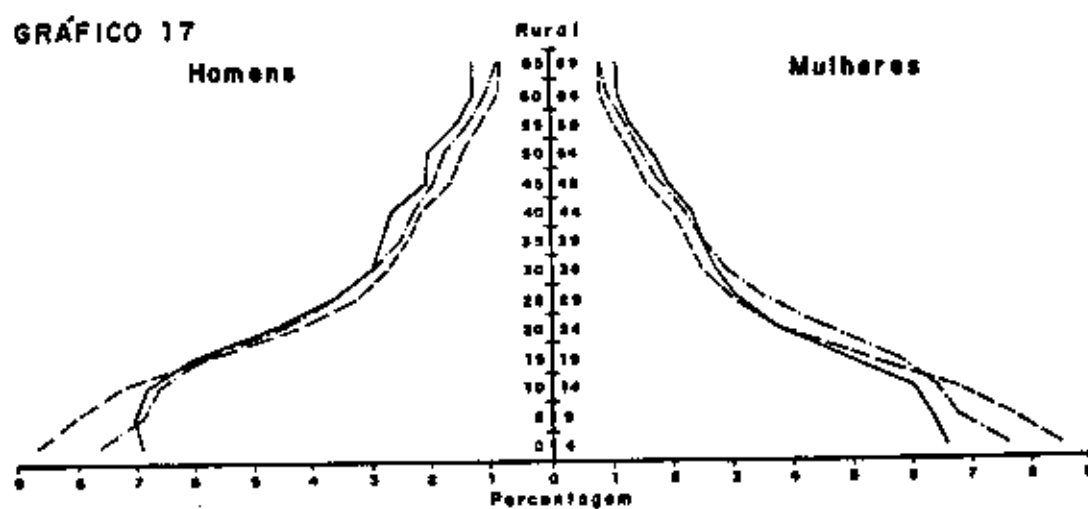
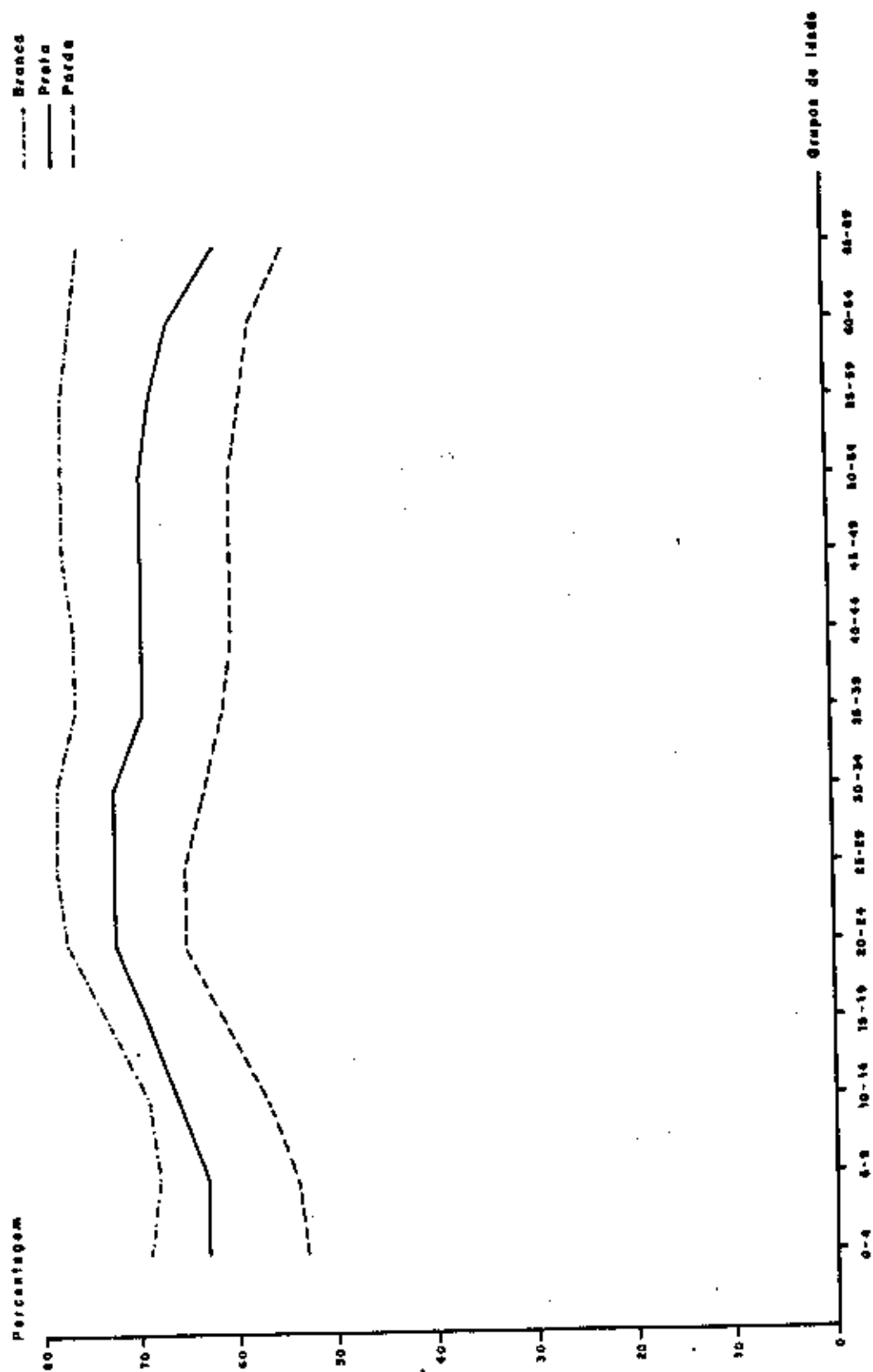


GRÁFICO 17



BRASIL - 1980 PROPORÇÕES DE POPULAÇÃO URBANA POR COR

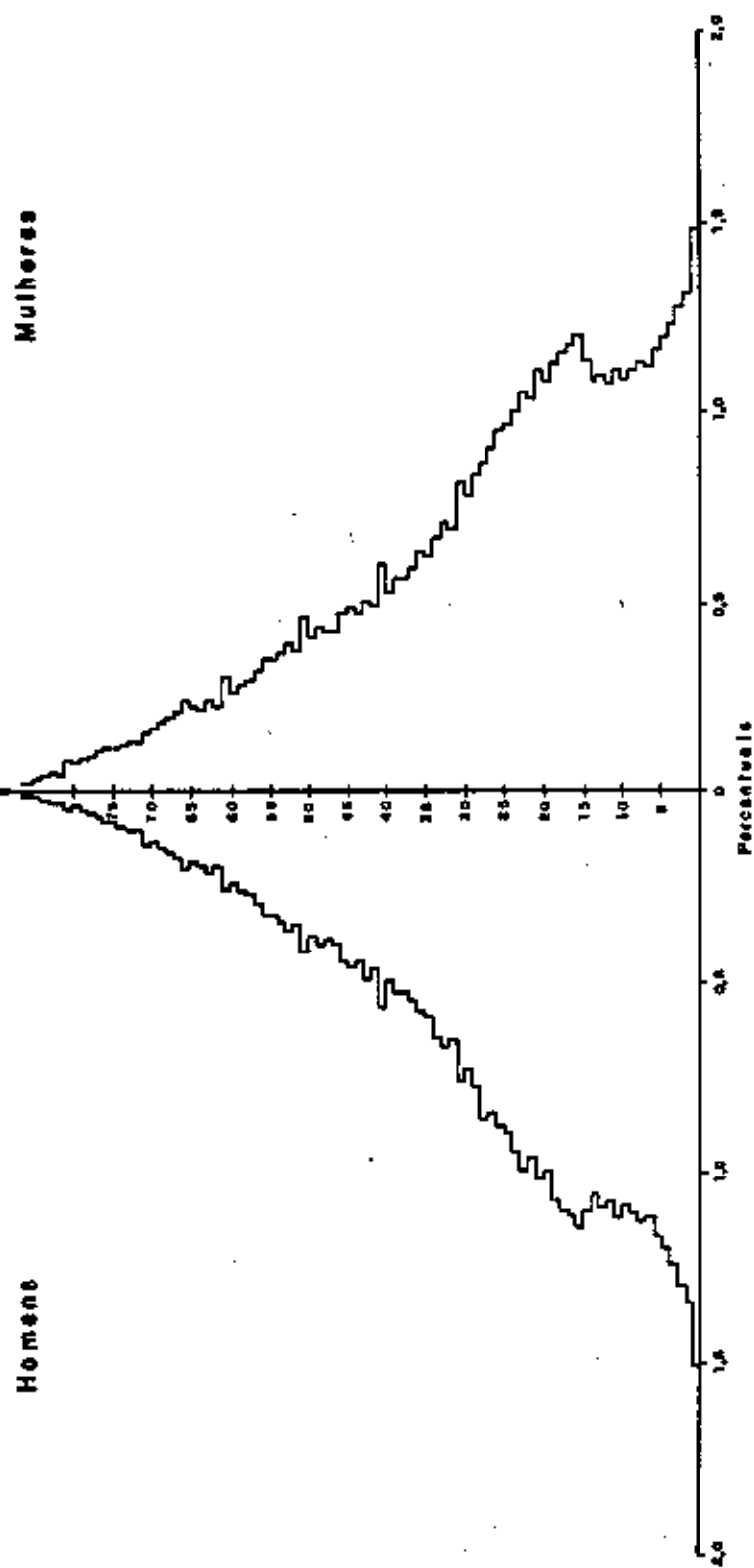
GRÁFICO 18



Fonte: IBGE - Censo Demográfico de 1980

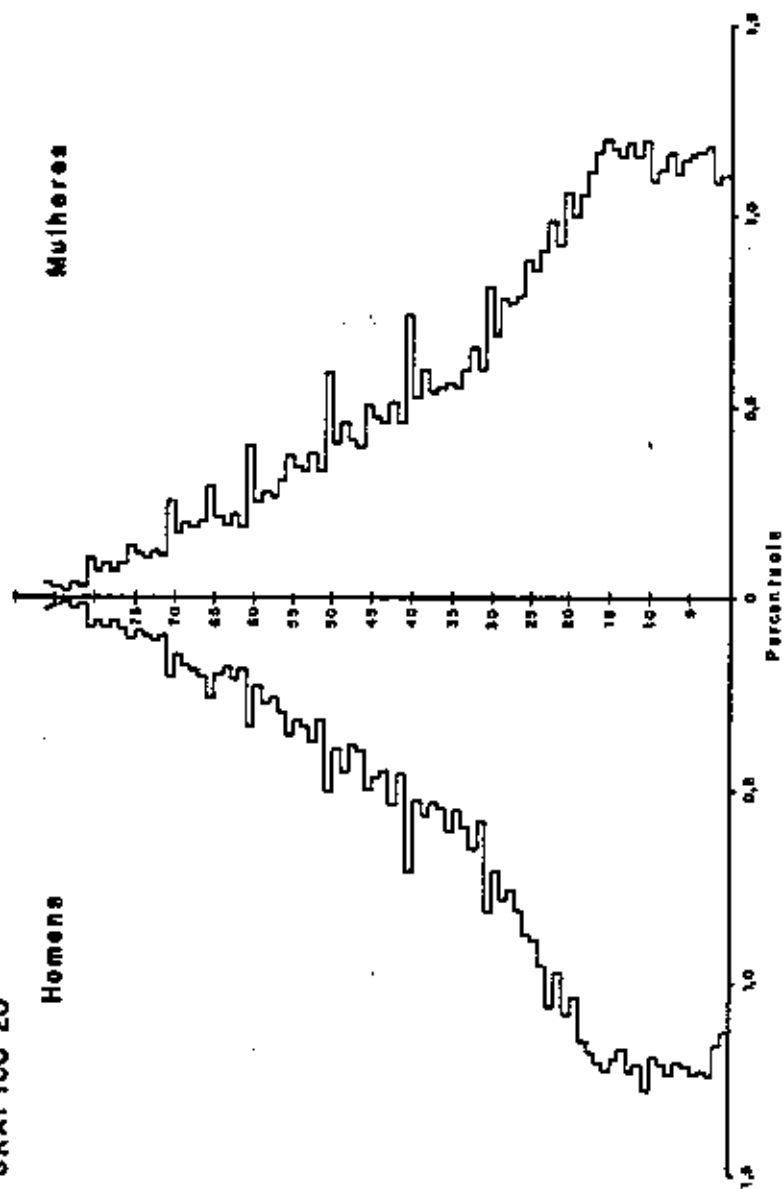
BRASIL - 1960
POPULAÇÃO BRANCA POR IDADE

GRÁFICO 19



Fonte: IBGE: Censo Demográfico de 1960

GRÁFICO 20

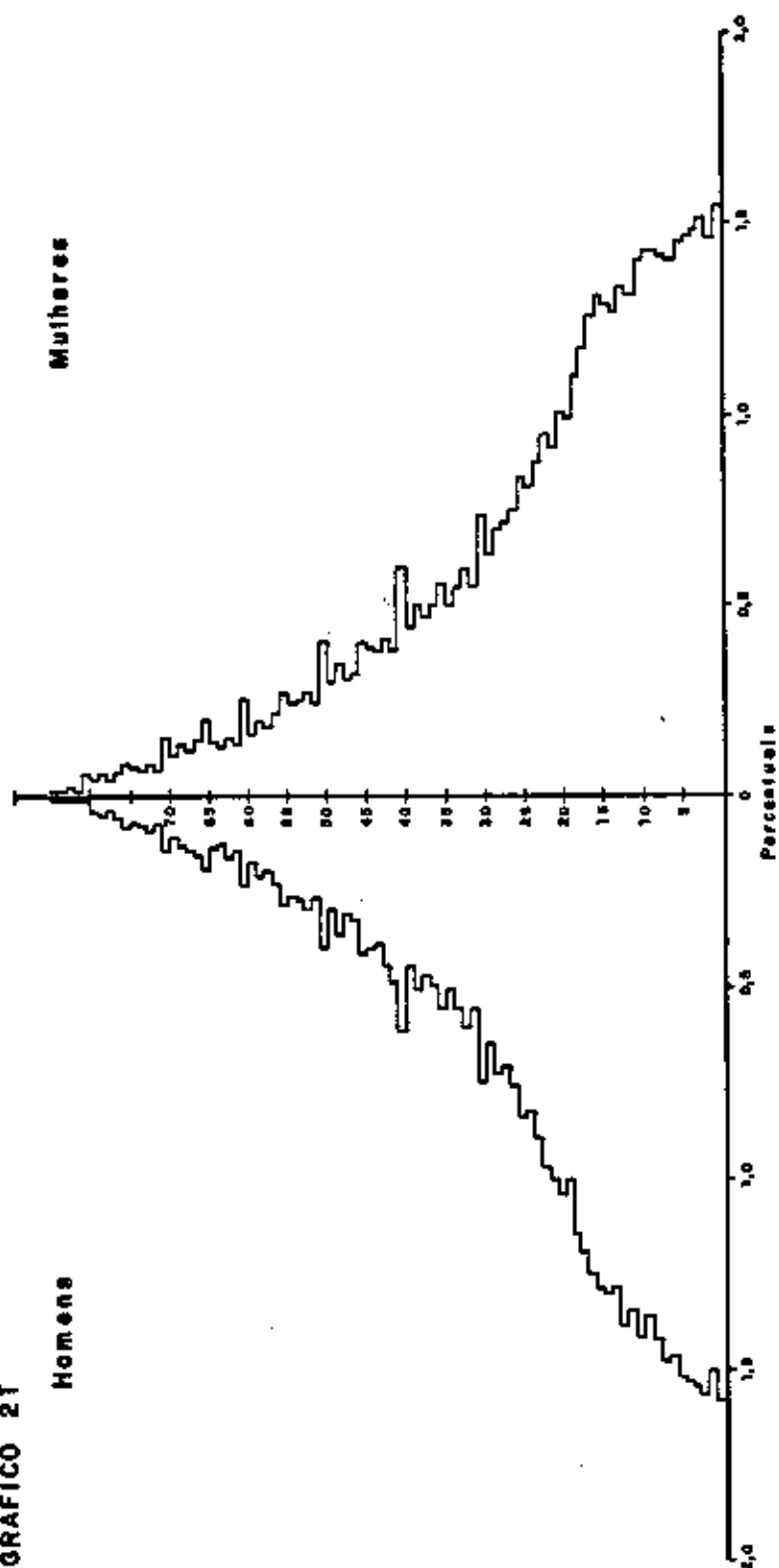


BRASIL - 1980
POPULAÇÃO PARDA POR IDADE

GRÁFICO 21

Homens

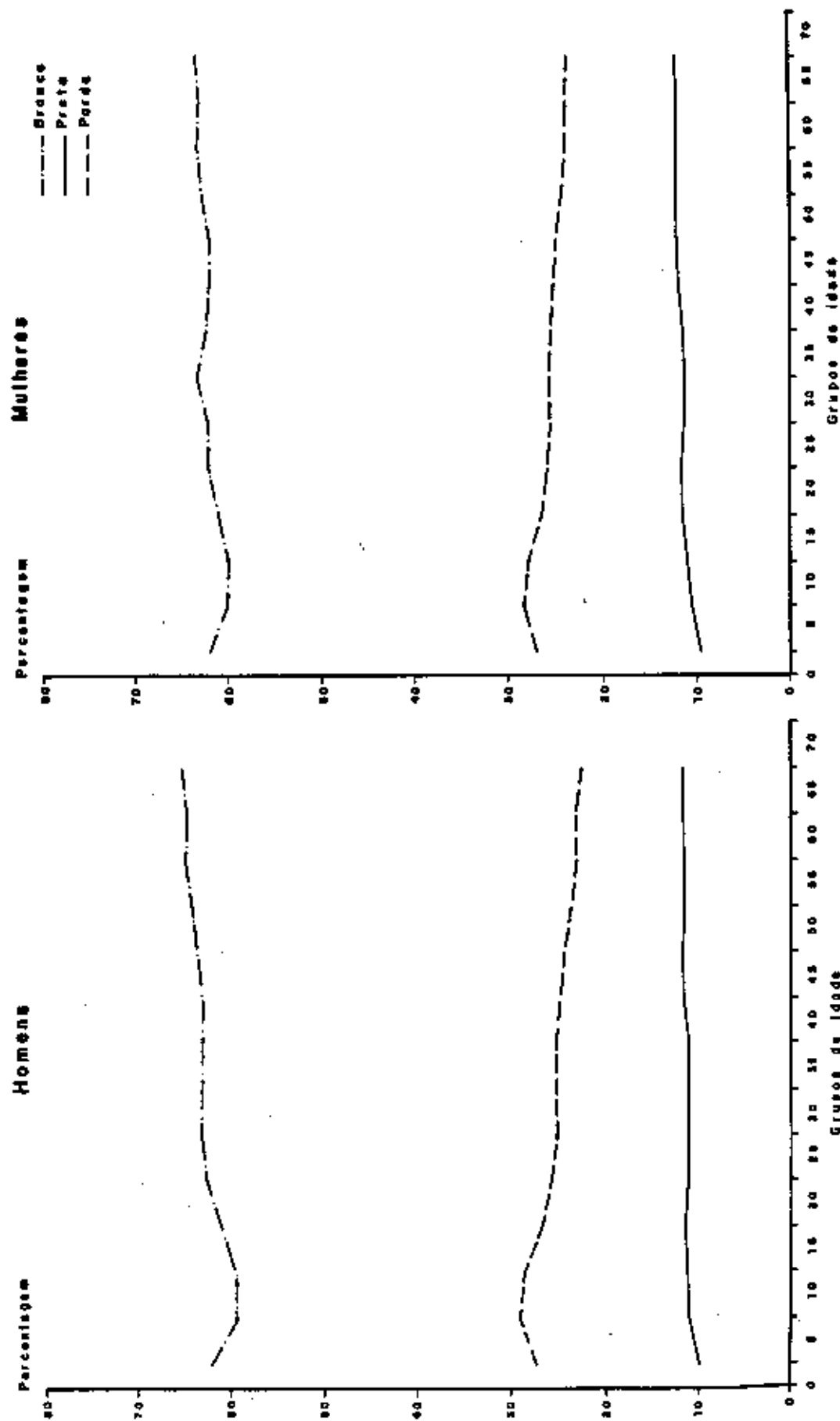
Mulheres



Fonte: IBGE - Censo demográfico de 1980

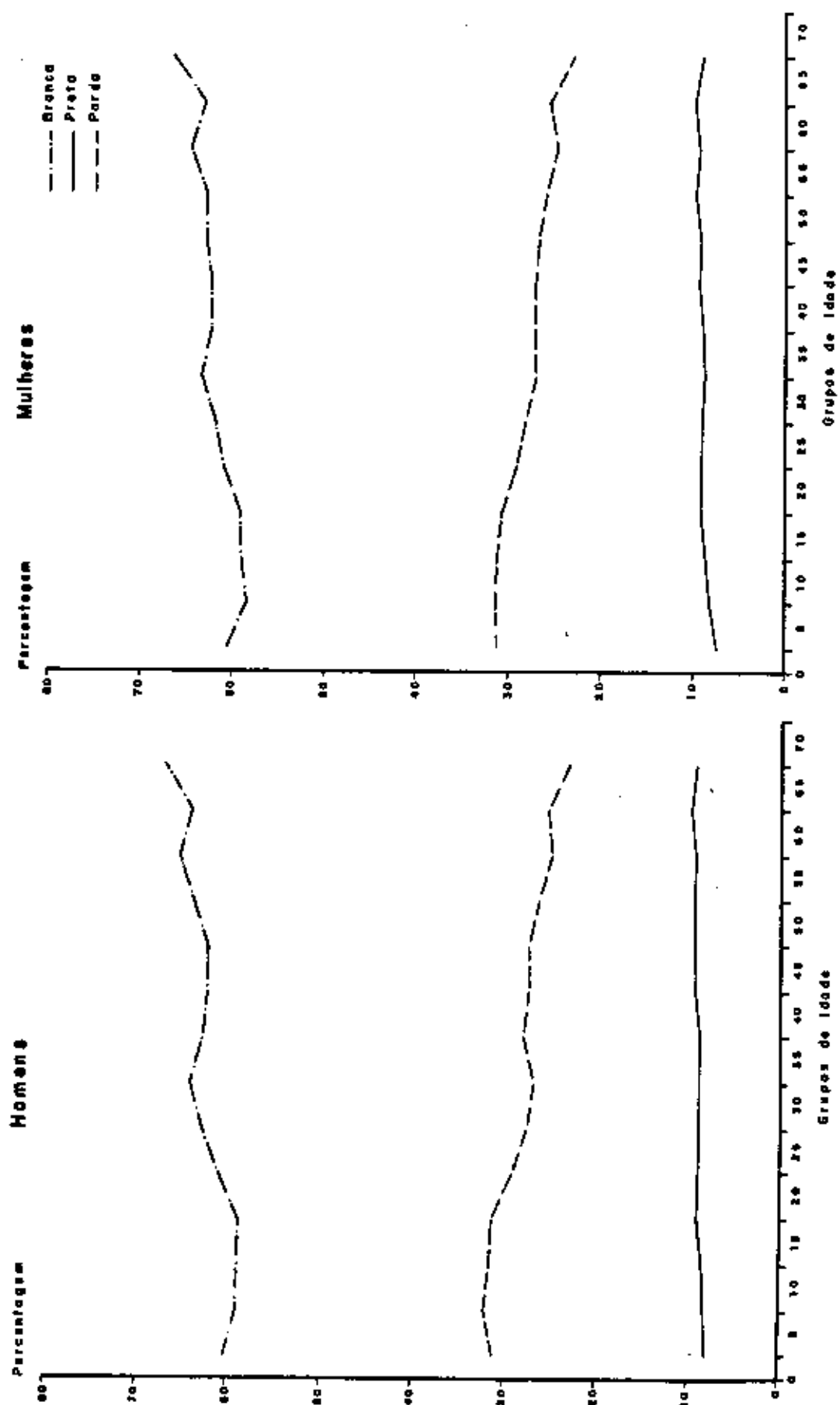
BRASIL - 1950
PROPORÇÃO DE PESSOAS POR COR E GRUPOS DE IDADE

GRÁFICO 22



BRASIL - 1960
PROPORÇÃO DE PESSOAS POR COR E GRUPOS DE IDADE

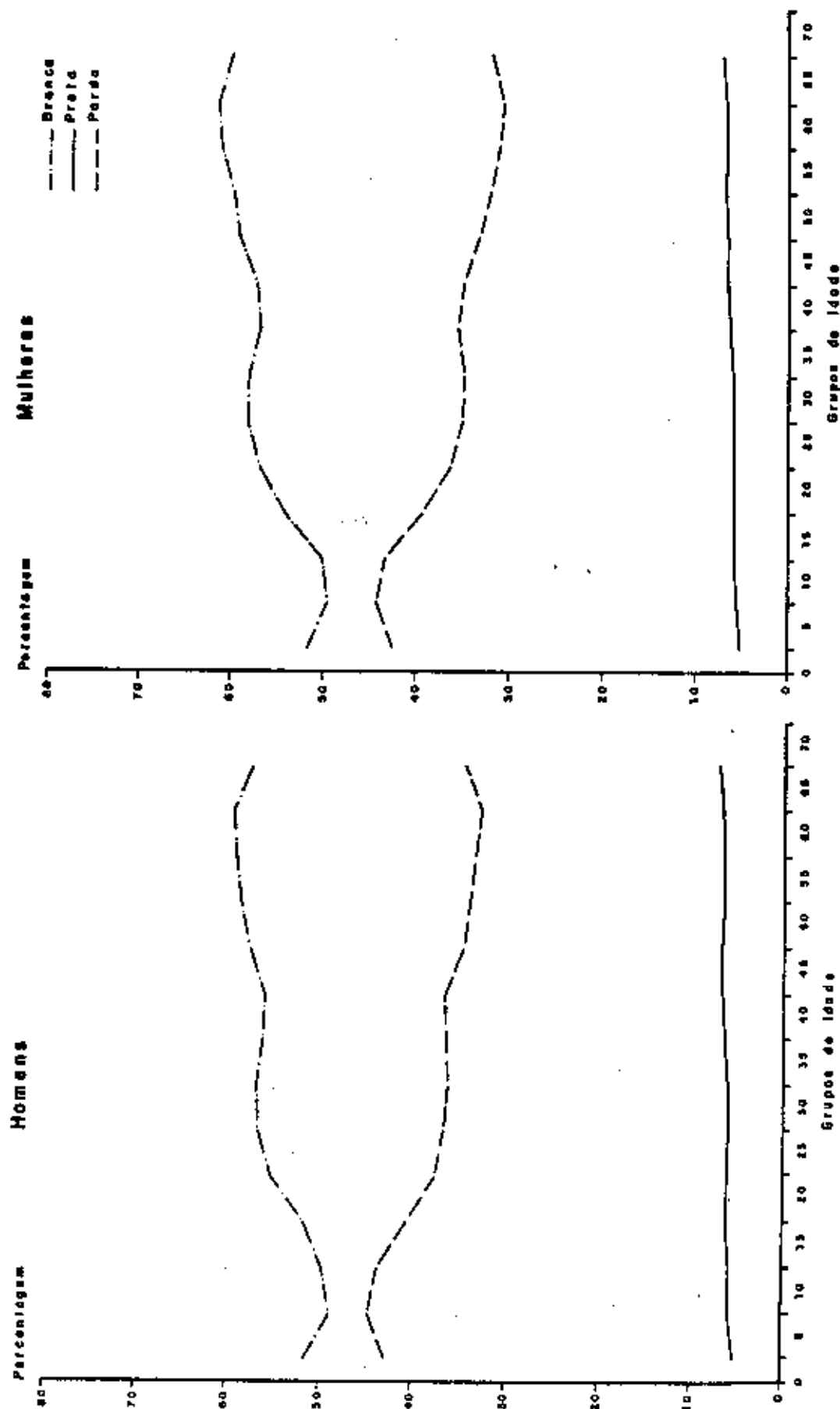
GRÁFICO 23



Fonte: IBGE - Censo Demográfico de 1960

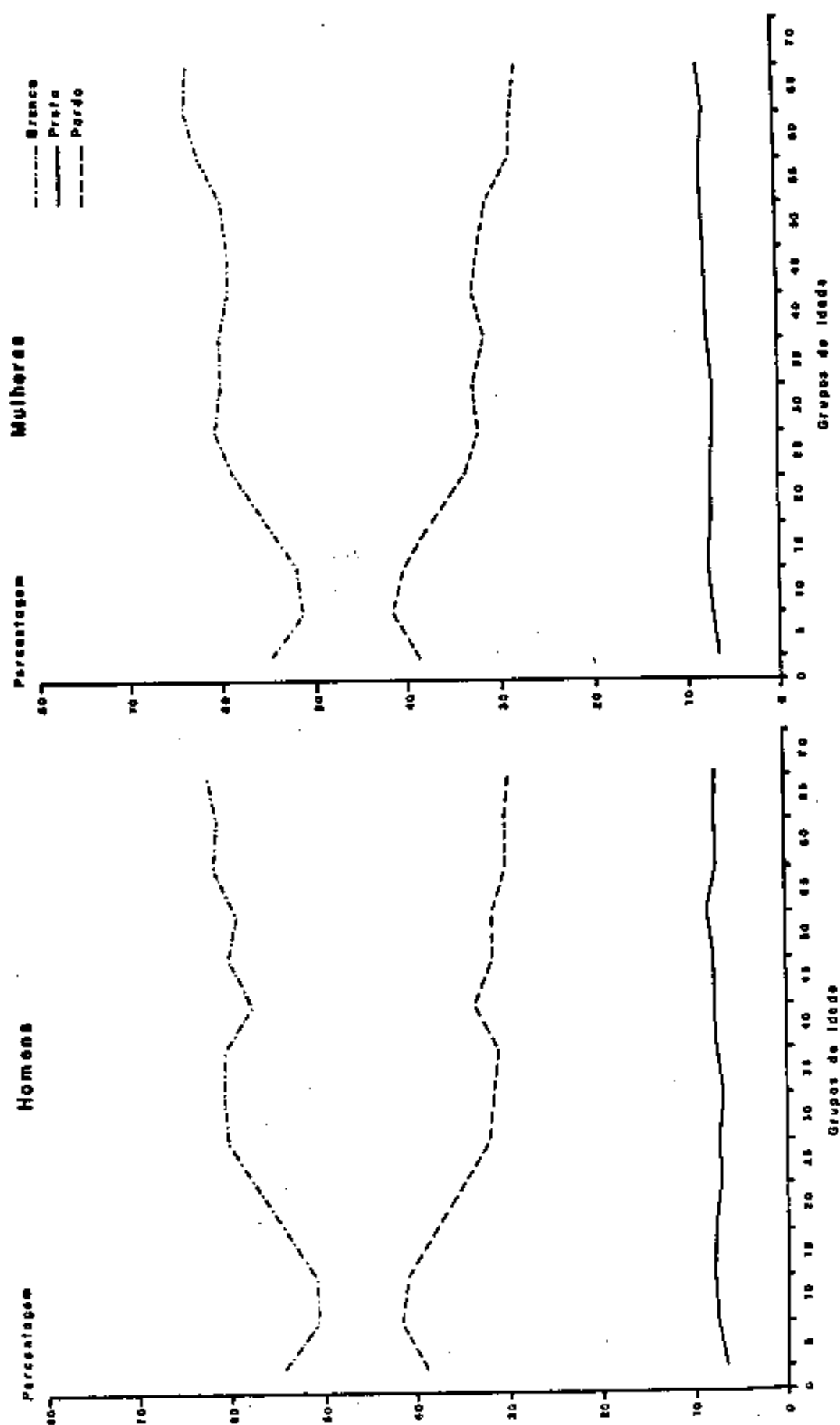
BRASIL - 1980
PROPORÇÃO DE PESSOAS POR COR E GRUPOS DE IDADE

GRÁFICO 24



BRASIL - 1982
PROPORÇÃO DE PESSOAS POR COR E GRUPOS DE IDADE

GRÁFICO 25



BRASIL - 1950
COMPARAÇÃO DA ESTRUTURA ETÁRIA DAS MULHERES SEGUNDO A COR

GRÁFICO 26

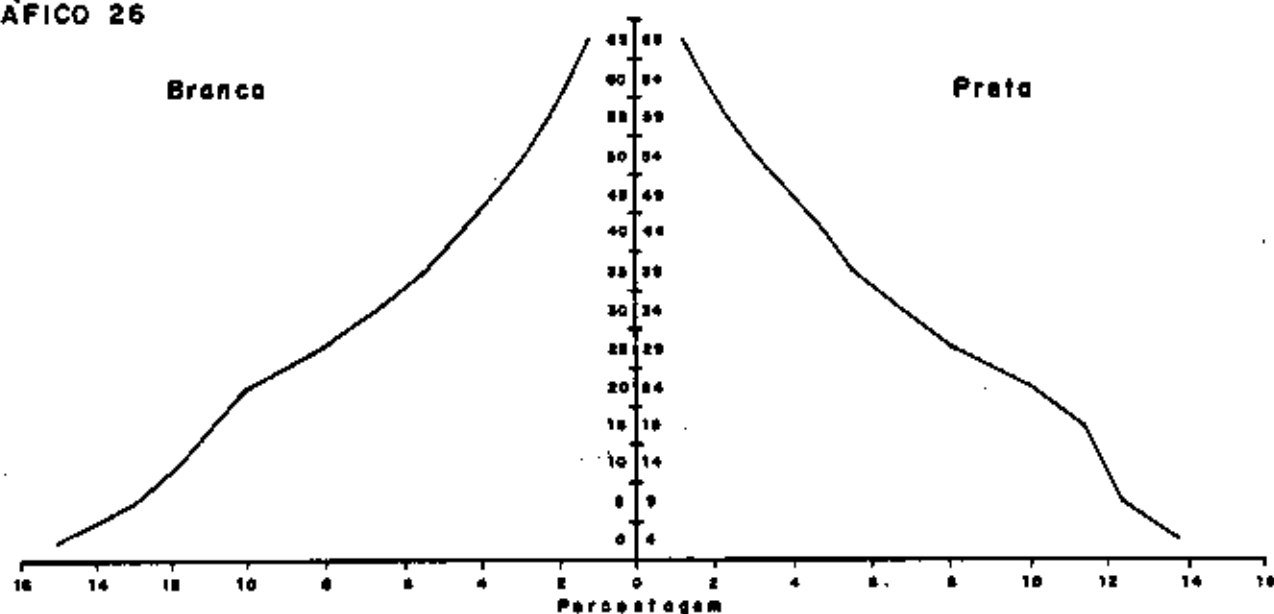
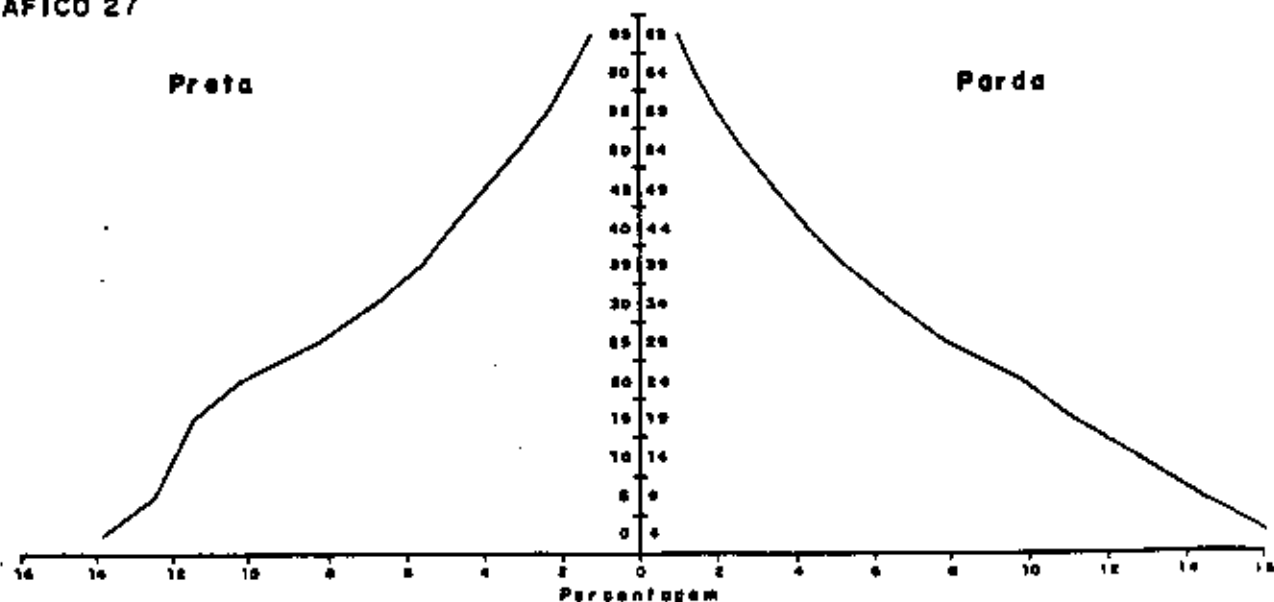


GRÁFICO 27



BRASIL - 1960
COMPARAÇÃO DA ESTRUTURA ETÁRIA DAS MULHERES SEGUNDO A COR

GRÁFICO 28

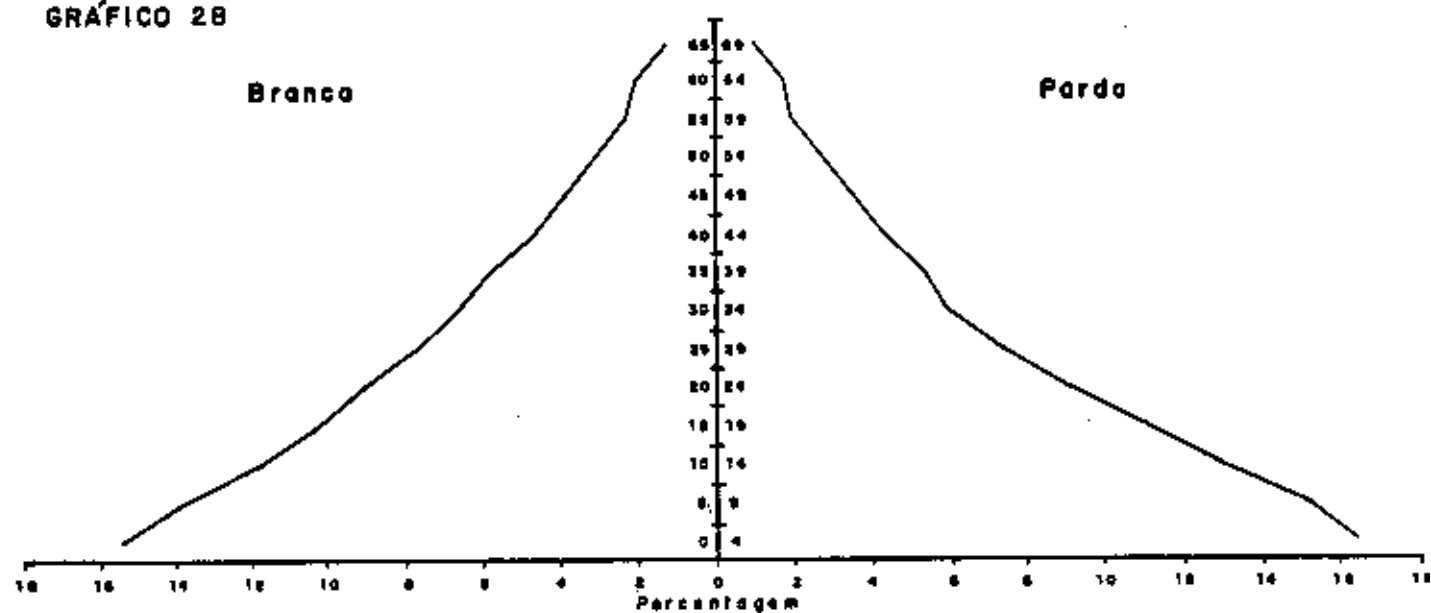
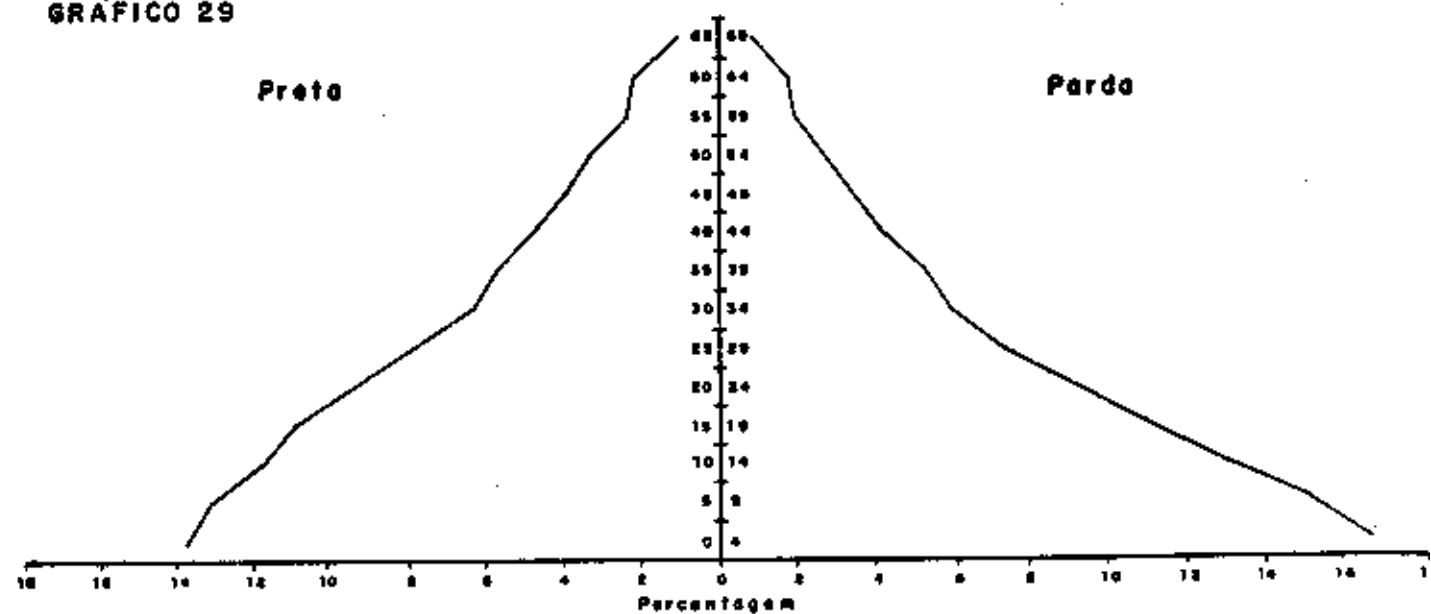


GRÁFICO 29



Fonte: IBGE - Censo Demográfico de 1960

BRASIL - 1980

COMPARAÇÃO DA ESTRUTURA ETÁRIA DAS MULHERES POR COR

GRÁFICO 30

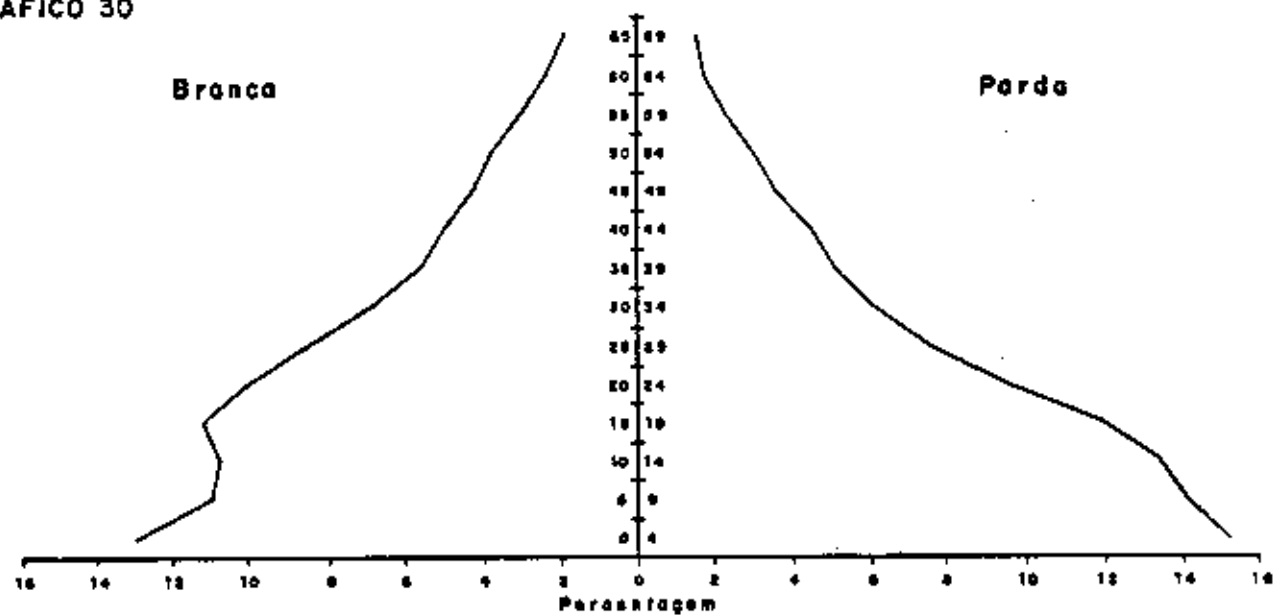
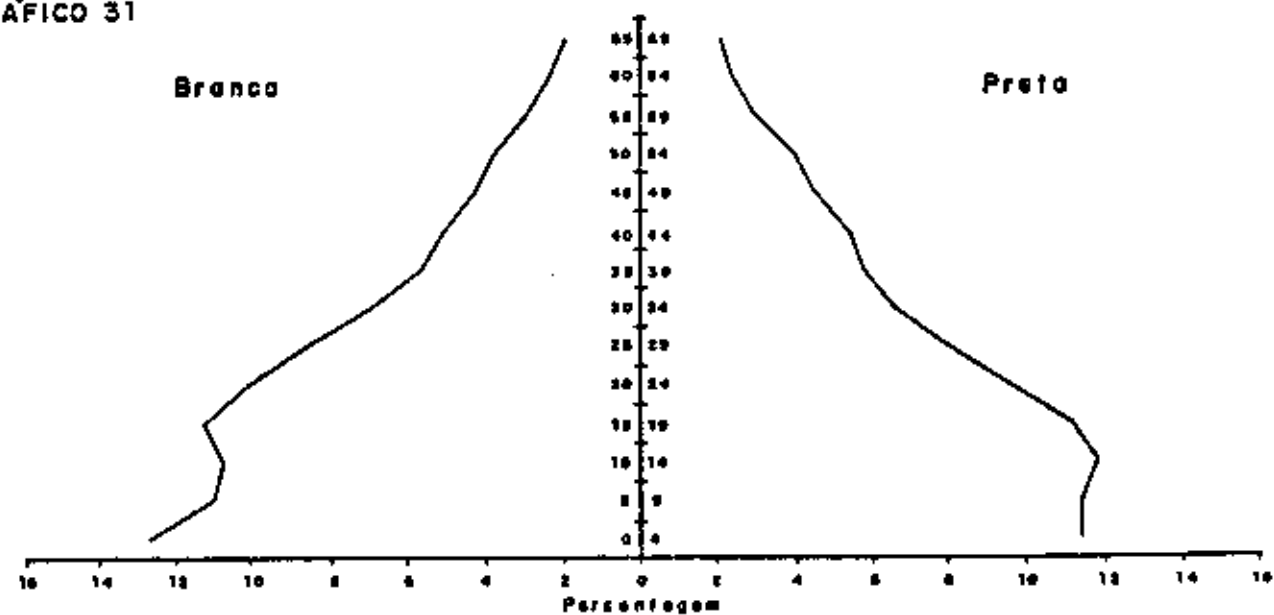


GRÁFICO 31



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCOVICH, Alicia M. e VELLÔZO, Heitor C.

- 1985 Notas sobre aparentes contradições na estrutura por idade e sexo no Censo Demográfico de 1980, Revista Brasileira de Estatística, Nº 181/182, Rio de Janeiro, IBGE.

MORTARA, Giorgio

- 1949 Estudos sobre a fecundidade e a prolicidade da mulher no Brasil, no conjunto da população e nos diversos grupos de cor. Rio de Janeiro, Estudos de Estatística Teórica e aplicada, Estatística Demográfica Nº 5, IBGE, 1949.
- 1950 Estudos sobre a composição da população do Brasil segundo a cor, Estudos de Estatística Teórica e Aplicada, Estatística Demográfica Nº 11, Rio de Janeiro, IBGE.
- 1956 A fecundidade das mulheres e a sobrevivência dos filhos nos diversos grupos de cor da população do Brasil. Laboratório de Estatística, Estudos Demográficos Nº 173, Rio de Janeiro, IBGE.
- 1962 A fecundidade da mulher nos diversos grupos de cor, segundo as Unidades da Federação, Laboratório de Estatística Demográfica, Estudos Demográficos, Nº 268, Rio de Janeiro, IBGE.

1970 O desenvolvimento da população preta e parda no Brasil, 1970 in **Contribuições para o estudo da demografia do Brasil**, série Estudos de Estatística Teórica e Aplicada, Rio de Janeiro, IBGE.

OLIVEIRA, Lúcia Elena Garcia de, PORCARO, Rosa Maria e ARAÚJO, Tereza Cristina N.

1985 O lugar do negro na força de trabalho. Rio de Janeiro, IBGE.